

MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA
SÁNCHEZ MORENO
Fundadora de A Obra da Igreja

*O grande mistério de Deus
sido em subsistência eterna e suficiência infinita,
abrangido num ato simplicíssimo
e imutável de Eternidade*

* * *

*Deus é um mistério de unidade
em intercomunicação familiar
de vida trinitária*

* * *

*A Igreja, mistério de unidade,
porque é a congregação de todos os homens
em Jesus Cristo com o Pai e o Espírito Santo,
por meio da Maternidade universal
de Nossa Senhora da Encarnação*



Editorial Eco de la Iglesia

7-10-1959

O GRANDE MISTÉRIO DE DEUS

Ó plena e desbordante surpresa a da criatura, acostumada a vislumbrar só as coisas criadas, que, levantada pelo único e subsistente Ser em transcendente ascensão, e introduzida na sapiencial sabedoria d'Aquele que *se É*; penetra, intuindo, saturada de amor e transbordada de gozo, algo do que é em si, por si e para si, o único Deus verdadeiro; que se nos dá e manifesta, em expressão candente e infinita de coeternas canções, pelo seu Unigênito Filho, Jesus Cristo, sob o impulso amoroso e a força coeterna do Espírito Santo...!

Como poderá explicar, nem sequer balbuciar, o que experimenta a alma, quando lhe são descobertos «os mistérios ocultos desde os séculos em Deus»¹ na profundidade profunda e recôndita da inefável transcendência do seu mistério...!, para que possamos viver bebendo nos caudais insondáveis e inesgotáveis das suas coeternas Fontes;

ali no recôndito, profundo e íntimo do arcano sacrossanto, misterioso e silencioso da sua mesma felicidade divina;

¹ Ef 3, 9.

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 18-3-2007

2ª EDIÇÃO

Separata de livros inéditos da Mãe Trindade de la Santa Madre Iglesia Sánchez Moreno e dos livros publicados:
«LA IGLESIA Y SU MISTERIO» e «VIVENCIAS DEL ALMA»

© 2007 EDITORIAL ECO DE LA IGLESIA
1ª Edição espanhola: fevereiro 2002

A OBRA DA IGREJA

ROMA - 00149 MADRID - 28006
Via Vigna due Torri, 90 C/ Velázquez, 88
Tel. 06.551.46.44 Tel. 91.435.41.45

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org
www.laobradelaiglesia.org

www.clerus.org *Santa Sé: Congregação para o Clero*
(Biblioteca - Espiritualidade)

ISBN: 978-84-86724-93-1
Depósito legal: M. 22.101-2008

que, divinizando-nos, faz-nos viver por participação, agora mediante a luz resplandecente e luminosa da fé, repleta de sapiencial sabedoria amorosa, dos torrenciais afluentes da sua Divindade; e, no amanhã da Eternidade, na dita inefável e indescritível dos Bem-aventurados;

enchendo todas as capacidades do nosso ser e existir, criadas somente para possuir a Deus, e apagando a nossa sede do Infinito nos caudais de seus coeternos Mananciais;

saturando-nos na participação, em gozo de Eternidade, da mesma vida que Deus vive no seu mistério insondável de Sabedoria Amorosa em Expressão canora de eternos teclares de infinitas melodias; e enchendo-nos em saturação dos afluentes torrenciais da sua mesma Divindade.

Ó que gozo experimenta a alma que, adentrada pelo Coeterno Ser na profundidade consubstancial da sua câmara nupcial e nos lumes das suas infinitas pupilas, penetra, no pensamento divino, sob o saboreamento gloriosíssimo da sua luminosa sabedoria, algo do que é o grande mistério de Deus!;

vivido e contemplado pelos puros de coração –«Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus»²–; e pelos pequenos deste mundo, aos quais o Pai, pelo seu Unigênito Filho, Jesus Cristo, manifesta-lhes os seus segredos:

«Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e

² Mt 5, 8.

entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, e quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar»³.

Ó mistério exuberante do Deus três vezes Santo que, na sua intercomunicação familiar de vida trinitária, faz-se saborear em delectável intimidade de amor aos que, com olhos candentes sob a luz da infinita sabedoria, Ele introduz na concavidade da penha do seu seio aberto!

Para que ali, no *Sancta Sanctorum* da sua vida divina, envolvido e coberto pelo manto da sua transcendente Virgindade eterna e consubstancial, descubra-se-lhes no instante-instante de Deus *ser-se* aquilo que é e como *se o é* em subsistência infinita de suficiência eterna, no seu mesmo gozo ditosíssimo e gloriosíssimo de Eternidade...

Pelo que a alma, sendo levantada e metida naquele banquete das Bodas eternas, olhando a Deus com os seus próprios Olhos, expressando-o com a sua Boca divina, e amando-o no amor coeterno e infinito do Espírito Santo; participa de Deus, vivendo o que Ele vive na intercomunicação familiar e trinitária da sua vida divina.

³ Lc 10, 21-22.

O grande mistério de Deus é só conhecido por Jesus Cristo, seu enviado e por «aquele a quem o Filho o quiser revelar»⁴!

Pelo que, transcendendo e transcendida n'Aquele que É, balbuciando como posso quanto Deus põe no mais secreto da profundidade recôndita do meu espírito por ser Igreja Católica e Apostólica, cimentada na rocha de Pedro, e só para que o manifeste; necessito expressar, em proclamações de inéditos cantares, o que o mesmo Deus imprime no meu coração;

para que, impregnada da sua sabedoria divina, e sob a ruindade, miséria, pobreza e limitação do meu nada poder, do meu nada saber, diga algo do inefável e inesgotável mistério, que, em surpreendente expectativa, meu espírito, penetrado pelo infinito pensamento, descobre na profundidade profunda do arcano insondável da mesma Coeterna Divindade.

O grande mistério de Deus...!, penetrado pela criatura reverente que, caindo em adoração, prorrompe em proclamação desbordante de gozo diante da contemplação do Ser, do único Ser subsistente que tem em si a sua mesma razão de ser, *estando sendo-se-a e tendo-se-a sida*, no seu ato imutável infinitamente abrangido de Eternidade, no mistério glorioso da sua intercomunicação familiar e trinitária...!

⁴ Mt 11, 27.

31-7-1959

«Eu sei que Deus *se é*. E o sei, por tê-lo sabido no seu mesmo saber.

Eu sei que Deus *se é*. E o sei em seu saber: o que Ele é no seu ser.

Eu sei que Deus *se é*, que Deus *se é* um ser, o Ser! que, sendo um só Deus, *se é* Três...: Três divinas Pessoas num eterno ser, num eterno *ser-se* possuído por Ele.

E o sei, porque Deus colocou-me no seu mesmo saber; e, no seu saber, eu sei como meu Deus *se é* o Ser que, pelo seu ser, é três Pessoas divinas que, sendo um só Deus, em Pessoas é Três.

Eu sei que meu Deus é. E o sei como é, e o sei tal qual é, sem podê-lo abranger no seu mesmo saber por meu pobre entender. Mas, o que eu sei, Deus é; e eu sei como é...!

E já sei o que é aquele Deus uno e trino que, pelo seu ser *se é*.. E já sei o que é, porque entrei no seu ser; e perdendo-me n'Ele, contemplei, no seu entender, a razão do seu ser...

E tão intimamente eu a meu Deus contemplei, que, na luz dos seus "Olhos", com o seu mesmo entender, contemplando a sua vida, com o Verbo cantei...

Eu cantei com o Verbo aquele mesmo Entender..., aquela Luz sem nuvens..., aquele Amahecer...!

Eu vi o Pai gerando de tanto *ser-se* ser...; de tanto *ser-se* ser no seu *ser-se* a vida...!; de tanto *ser-se* Aquele que é a razão do seu mesmo entender...!».

Ó se eu pudesse dizer algo d'Aquele que É, quando, penetrando a medula do meu espírito e fazendo-me saborear o néctar da sua mesma Divindade, descubra-me os seus mistérios;

para que os solete na minha canção de Igreja viva e palpitante, só como o Eco pobre, limitado e diminuto desta Santa Mãe, sob o arrullo e a brisa cadente, silenciosa e sacrossanta do Espírito Santo;

abrigada na Maternidade universal da Virgem, desde onde deu-se-nos Cristo e, por Ele, com Ele e n'Ele, o Pai e o Espírito Santo; o qual, sob o seu impulso amoroso, «faz-nos chamar Deus: Pai!»⁵.

Deus...! Mistério de Amor... Deus...!

Todo Deus é um mistério tão doce, suave e acolhedor, tão desejável e apetecível, tão amoroso e transcendente, que se as almas vislumbrassem algo de «isso que Deus preparou para aqueles que o amam»⁶, estariam num contínuo lamento, suspirando pela contemplação gloriosa e ditosíssima do Deus vivo:

«Como a corça bramindo por águas correntes, assim minha alma está bramindo por Ti,

⁵ Cf. Rm 8, 15.

⁶ 1 Cor 2, 9.

ó meu Deus! Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando voltarei a ver a face de Deus?»⁷.

Deus...!, o Ser simplicíssimo que, no seu presente eterno de vida infinita e fecunda, *se é*...!

Deus...! sem princípio e sem fronteiras, sem partes nem misturas...

Deus...! Que somente com dizer: «Aquele que *se É*»⁸, nesta frase está dito tudo...

Deus *se é* na sua Eternidade infinita e sem tempo, e pela sua Eternidade essencial.

Nessa Eternidade, *se é* sem princípio e sem fim; e, por não ter Deus partes, n'Ele nem há antes nem há depois.

O dia luminoso do Ser –que em Deus não é um dia, nem sequer um suspiro– é como um ó! eterno.

Nesse instante, por ser Deus infinitamente perfeito na sua abrangência eterna, infinita e pessoal, é a Eternidade.

E nesse instante eterno, o Pai, no seu júbilo infinito, está contemplando todo o seu ser e está contemplando-se na sua pessoa: em tudo o que Ele é, e como o é.

E por não ter em Deus partes, nem antes nem depois, o Pai está contemplando toda a

⁷ Sl 41, 2-3.

⁸ Cf. Êx 3, 14.

infinitude infinita de infinitos atributos que, em eternidade por eternidades sem tempo, são um só atributo e uma só perfeição.

E nesse mesmo instante de *ser-se* Deus e *estar-se sendo* tudo o que é, quanto pode ser e como *se o é* e *estando-se-o sendo*, ao contemplar os seus atributos e perfeições, e tudo o que Ele *se é* na sua Pessoa e no seu ser; nessa Mirada de infinita, profunda, penetrante e consubstancial sabedoria divina, rompe numa explicativa Expressão canora de infinitas e consubstanciais melodias, como em miríadas e miríadas de concertos de ser em seus teclares de canções eternas de subsistente Divindade, que é o seu Verbo.

E o Pai ama o seu Verbo com um amor tão infinito, que sai d'Ele, sem sair d'Ele, brota, sem brotar –já que Deus é para dentro, para dentro...!, dentro!, dentro de si!– todo o seu *ser-se* em amor.

E, nesse mesmo instante, está saindo também do Verbo –sem sair– todo o seu ser recebido do Pai, amando o Pai.

E, nesse amar-se o Pai e o Verbo, nesse intercomunicar-se em amor paterno-filial todo o seu ser ao amar-se, surge radiante, triunfante e glorioso, do Pai e do Verbo, a Pessoa-Amor: o Espírito Santo, em beijo de mútuo retorno de filiação e paternidade divina e amorosa.

O ser que o Pai se tem por si mesmo, e o que o Verbo se tem em propriedade, recebido

do Pai, é o mesmo: «Eu e o Pai somos uma só coisa»⁹; «Tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu»¹⁰;

já que em Deus, apesar de que é três Pessoas e de que cada uma tem seu *ser-se* em si mesma em propriedade no seu modo pessoal de ser, há um só *ser-se* que é o solaz e o descanso dos Três.

O Pai se o tem por si mesmo, o Verbo em si mesmo recebido do Pai –«assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo»¹¹–;

e o Espírito Santo o tem em si mesmo, mas recebido do Pai e do Verbo pelo ser que o Verbo recebeu do Pai:

«Quando, porém, vier o Espírito da verdade, Ele vos conduzirá à plena verdade. Pois Ele não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido; e até as coisas futuras vos anunciará. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará. Tudo o que o Pai possui é meu. Por isso, disse que o que Ele receberá e vos anunciará, é meu»¹².

Já que o Pai dá tudo ao Verbo e o Verbo o retorna ao Pai. E na sua intercomunicação amorosa paterno-filial de amor infinito, fazem surgir, como fruto desse mesmo amor, o Espírito Santo, que procede de ambos em abraço consubstancial de Divindade:

«Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos

⁹ Jo 10, 30.

¹⁰ Jo 17, 10.

¹¹ Jo 5, 26.

¹² Jo 16, 13-15.

recordará tudo o que Eu vos disse»¹³; «Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da verdade, que vem do Pai, Ele dará testemunho de mim; e também vós dareis testemunho, porque desde o princípio estais comigo»¹⁴.

Surgindo-me no mais profundo do espírito a passagem do Apocalipse: «Mostrou-me depois um rio de água viva, límpido como cristal, que saía do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da praça, de um lado e de outro do rio, há árvores da vida que frutificam doze vezes, dando fruto a cada mês; e suas folhas servem para curar as nações»¹⁵.

Ó sublime mistério, cheio de transcendente sabedoria amorosa, repleto e saturado de Divindade, infinitamente subsistente e coeternamente divino e suficiente, que o meu espírito, subjugado de amor, sob a luz do Infinito Ser penetra e saboreia...!;

divinizando-me com o frescor da água do Eterno Manancial «que jorra para a vida eterna»¹⁶ sob a brisa suave e sacrossanta do Espírito Santo; sendo introduzida na câmara nupcial do *Sancta Sanctorum* da mesma Divindade, só para que o manifeste, e possa, desde o balbucio das minhas pobrezinhas e limitadas palavras, proclamar algo do que Deus me mostra para que o manifeste –«abraçando-me com sua direita e sus-

¹³ Jo 14, 26.

¹⁴ Jo 15, 26.

¹⁵ Ap 22, 1-2; cf. Jo 7, 37-39.

¹⁶ Jo 4, 14.

tentando-me com sua esquerda, fazendo-me desfalecer de amor»¹⁷ –, submergindo-me no arcano insondável do recôndito segredo do seu subsistente e coeterno Ser.

12-5-1960

«Ó Sabedoria...! Sabedoria do Eterno Ser...!
Sabedoria sagrada...! Quem pudera compreender, em teu mesmo *ser-te* Ciência, teu ilimitado Saber...!

Saber que são mil sabores que, sabendo sempre de amores, nunca se pode saber em teu saber-te sabendo de ilimitado entender, sem ficar transcendendo e todo o ser intuindo num saber não entender este subido mistério...

Ó eterna Sabedoria...!, no teu eterno Entender, sabendo-te no saber-te do teu sempiterno ser, minha pobre mente se perde em tão subido saber, que, em teu mesmo *ser-te* Ciência, sem entender-te, entendendo, em teu entender-te te sei.

Ó eterna Sabedoria...!, quem pudera meter-se nessa entranha entranhada do teu sempiterno ser...!

Quem pudera afundar-se, Sabedoria sagrada, na ciência ilimitada do teu saber-te saber...!

Quem pudera abismar-se tão profunda e intimamente no teu saboroso saber-te, que te soubesse expor...!

¹⁷ Cf. Ct 2, 6. 5.

Ó eterna Sabedoria...!, eu, sem saber-te, sei-te num saber-te sabendo de limitado entender...

Ó eterna Sabedoria!, hoje, na tua ciência sagrada, quero perder-me abismada na tua mirada divina; para saber, não sabendo, no teu divino saber, este saber, não entendendo, do teu ilimitado ser...

Ó eterna Sabedoria!, porque te sei, sem saber, porque te sei em teu saber-te de ilimitado entender, sei que, sabendo saber-te, perdi-me no teu entender tão profunda e tão finamente, que, por saber-te, não sei.

Ó, quanto sei d'Aquele que É...! Quanto, na minha pobre maneira, eu cheguei a compreender neste modo profundo que no teu seio eu encontrei, afundada no grande mistério do teu mesmo compreender...!

A tua ciência impregnou a minha ciência, e ao eu querer dizer-te, acesa nos teus amores por meu pobre compreender, hoje te peço anoadada, adorante e cativada, que me dês como expor o Mistério que roubou meu espírito subjugado pela força do teu ser...

Amador dos meus amores..., eu te intuo..., eu te vejo..., eu te entendo..., eu te sei... Como poder-te-ei dizer, como poder-te-ei expor no modo ilimitado que em teu seio eu encontrei...?

Dá-me palavras, meu Verbo, para dizer quanto sei, ainda que me afogue a pena de dizer-te sem poder...!

Mas, ou te digo, ou morro pela força incontida do teu infinito poder, que me impulsiona fortemente a que diga quanto sei...!».

Ó...!, mistério dos mistérios é Deus na sua vida íntima, subsistente, familiar e trinitária...!

Pois, apesar de que o que faz o Pai gerar é a contemplação sapiencialmente infinita do seu ser; por ser a vida de Deus um presente eterno, sem partes, sem princípio e sem fim, sem agora nem depois;

o Pai está contemplando no seu seio, eterna e infinitamente, não somente o seu *ser-se* essencial de suficiência e subsistência infinita, senão que está contemplando o seu Verbo, a sua pessoa e o seu ser;

e está contemplando o momento eterno do seu eterno gerar seu Verbo;

e está contemplando o momento eterno de ser gerado seu Filho, esse Filho que é gerado e está sendo gerado como fruto da sua contemplação.

E, nesse mesmo instante eterno, o Pai está contemplando no seu seio a pessoa do Espírito Santo, e a procedência amorosa do Espírito Santo do seu Filho e d'Ele; desse Espírito Santo que é o fruto amoroso da sua paternidade divina e do seu Filho gerado.

Que mistério de profundidade tão profunda e de transcendência tão infinita...!

Porque o Pai, apesar de que contempla tudo, e que como fruto da sua contemplação é gerado o Verbo; na sua única Mirada eterna de consubstancial, infinita e sapiencial sabedoria, contempla seu Filho gerado e o Espírito Santo procedido e procedendo de ambos.

O Pai *se é* uma eterna Mirada de infinita e sapiencial sabedoria, tão fecunda, que essa mesma Mirada Ele *se a é* pela sua subsistência infinita, *sida* por si, em si e para si.

E, ao *ser-se-a*, abrange na sua coeterna abrangência, nessa penetrante Mirada, o seu Gerado único e o Amor de ambos, apesar de que essa mesma Mirada o faz gerar o seu Gerado, do que é fruto também, em e por essa mesma Mirada, o Amor de espiração coeterna e amorosa de ambos: o Espírito Santo.

Pelo que o Pai está gerando seu Filho, e está procedendo de ambos o Espírito Santo, nessa só e por essa só Mirada de subsistência e suficiência divina e eterna de ser, na que o Pai está contemplando tudo.

Ai, Senhor, que profundo, que glorioso e que subsistente é o teu mistério...! Que claro e que simples! Já que, pela simplicidade da perfeição divina, Deus *se é*, num só e coeterno instante simultâneo de vida infinita, três Pessoas num ato imutável de Sabedoria Sabida Amorosamente na contenção apertada do âmbito da sua mesma divina e coeterna sabedoria.

Eu quero dizer Deus, e não posso expressar como quereria com as minhas pobres palavras, pela complicação da minha limitação, o que concebo da simplicidade infinita e a contenção apertada que, na sua maneira infinitamente simples, luminosa e transparente, Deus *se é!*

Ó se eu pudesse dizer o que de Ti concebo e no teu mistério contemplo, meu Deus uno e trino, saturada de amor e anegada na tua infinita, transcendente e sapiencial sabedoria...!:

O Pai gera seu Verbo como fruto da sua contemplação; apesar de que o Pai, na sua contemplação, está contemplando seu Verbo gerado e estando-o gerando.

Porque o Verbo é o conhecimento sapiencialmente conhecido do Pai, em Palavra canora de sapiencial sabedoria explicativa; e o Pai se sabe tudo o que conhece, saber que é gerar.

A razão de tudo está em que o Verbo é a Sabedoria Sabida amorosamente do Pai, em Expressão soletradora, consubstancial e eterna de infinitas perfeições; e o Espírito Santo é o fruto consubstancial e amoroso do Pai e do Verbo, em beijo de amor pessoal.

O Pai espira o Espírito Santo como fruto do seu amor paternal ao seu Filho, ao ser gerado Este.

E esse mesmo Espírito Santo que de ambos procede como fruto de amor paterno-filial, está

o Pai contemplando eternamente na sua só Mirada geradora de amor coeterno.

E o Pai está contemplando, nessa só Mirada, o ser espirado, d'Ele e do seu Verbo, o Espírito Santo; esse Espírito Santo que é o fruto amoroso do Pai e do Verbo.

Assim que o Pai contempla, na sua só Mirada, eternamente, o Verbo e o Espírito Santo; tem-lhes sempre abrangidos no seu seio.

E o Pai contempla o instante eterno de ser gerado o Verbo e de ser espirado o Espírito Santo por si e pelo seu Verbo.

E, nessa só Mirada, o Verbo é gerado, como fruto dessa só Mirada; e o Espírito Santo é espirado, como fruto do Gerador e do seu Gerado.

Assim que, o Pai, na sua só Mirada, abrange toda a sua perfeição infinita;

e está contemplando seu Filho e o instante eterno de ser gerado seu Filho;

o instante eterno de gerar Ele e de surgir seu Filho gerado;

e o instante eterno de amarem-se os Dois com o Espírito Santo e no Espírito Santo;

e o instante de ser espirado o Espírito Santo de ambos;

e o instante-instante de amar Ele e o seu Verbo com o Espírito Santo o seu ser e as suas pessoas;

e o responder em doação de entrega do Espírito Santo em beijo de amor ao Pai e ao Filho.

O Pai contempla, na sua só Mirada, todo o seu ser, as pessoas e as suas procedências; porque até o seu mesmo gerar e o seu mesmo mirar Ele o contempla; mirar que é gerar o Verbo.

E amando o que mira, espira o Espírito Santo; espirar de ambos, que ao Espírito Santo o faz ser o Amor pessoal em Deus.

E o fruto de toda essa Mirada é o Verbo. Por isso, o Verbo é a Expressão de tudo o que é o Pai e de tudo o que o Pai conhece.

Assim que, o Verbo é expressão da Mirada do Pai, do gerar do Pai, do *ser-se* Ele gerado, do proceder o Espírito Santo d'Ele e do seu Pai, de todo o seu ser com todas as suas perfeições e atributos.

Numa palavra: o Verbo expressa tudo o que o Pai contempla, apesar de que o Verbo é o fruto da Mirada, em contemplação, do Pai.

O Verbo é tão infinito expressando, como infinito é o Pai contemplando; já que o Pai lhe dá tudo, ao gerá-lo, para que Ele se o expresse em retorno de filiação canora, infinita, eterna e amorosa.

O Verbo está cantando em soletração amorosa, em explicação infinita de ser, como Palavra expressiva do Pai, o instante eterno de *ser-se* o Pai, e o instante eterno de ser Ele.

E o Verbo está cantando o instante eterno de surgir o Espírito Santo, como Amor paternal e filial, do seu seio e do seio do Pai; já que uma só vida, um só ser e um só seio são e têm os Três, cada um no seu modo pessoal;

está cantando a procedência do Espírito Santo e o ser do Espírito Santo;

e está cantando como Ele é pelo Pai e como o Espírito Santo é pelo Pai e por Ele.

O Verbo está expressando, na sua só Palavra, as pessoas com as suas relações e as suas procedências;

e está cantando todo o ser com toda a infinitude de atributos e perfeições;

e está expressando, no seu Cântico infinito de ser, como Ele mesmo é o fruto, em filiação, da contemplação de toda a Mirada abrangente do Pai;

e também como o Espírito Santo é espirado de ambos.

E o Espírito Santo está amando a eterna e abrangente Mirada do Pai, da qual é fruto o Verbo, e Ele, do amor paterno-filial.

E está amando o instante eterno de gerar o Pai e de ser gerado o Verbo, dos quais Ele é o fruto amoroso, em Pessoa-Amor.

E está amando o mesmo instante eterno de *ser-se* Ele o amor do Pai e do Verbo; e o instante eterno da sua procedência do Pai e do Verbo em beijo de amor de retorno, ao gerar o Pai e ao expressar o Verbo.

E está amando o instante eterno de ser Ele o amor do Pai ao seu ser e o amor do Verbo ao seu ser; e o instante eterno de ser Ele mesmo o amor pessoal às pessoas e ao ser.

E está amando o instante eterno de ser Ele a Pessoa-Amor em Deus pelo Pai e pelo Verbo, por tudo o que o Verbo recebeu do Pai, como Palavra expressiva rompendo em infinitos teclares de consubstanciais melodias;

e o instante eterno do seu *ser-se* recebido do Pai e do Filho, pelo que Ele é o amor pessoal em Deus.

Assim que, o Espírito Santo abrange no seu amor a Trindade de Pessoas e a Unidade de Ser, em cada um dos seus atributos e perfeições.

Que alegria, que felicidade, que descanso, que gozo, que Deus *se seja*, sido em si, por si e para si, em intercomunicação trinitária de vida familiar, um mistério de unidade tão consubstancial e intrinsecamente una, que é três divinas Pessoas que são e têm um só ser e uma só vida...!

«Aquele que *se É*» é tão infinita e coeternamente abrangido que, no mesmo instante eterno, sem princípio nem fim, de *estar-se sendo* e *tendo-se sida* a sua mesma subsistência e suficiência infinita e eterna, gera, é gerado e é espirado.

«São os lumes dos teus “Olhos”
de tanta penetração,
que, em labaredas de fogo,
rompes em Contemplação;
rompes em Sabedoria
de divina Explicação,
de Amor eterno e secreto
no teu mistério de Deus;
Sabedoria que é luz,
luz que é comunicação,
comunicação que é vida
e vida que *se é* amor,
por *ser-te* sabedoria
de infinita abrangência.

Deus *se é* sabedoria
num mistério de amor».

10-2-1968

Ó mistério infinitamente transcendente, e subjugantemente arrebatador o d'Aquele que É eternamente na sua eternidade sem tempo, sem princípio e sem fim, ainda que eu não o possa dizer nem expressar!

Obrigada, Senhor...! Obrigada, Senhor...! Porque eu não te possa dizer nem expressar como meu amor a Ti o necessita, já que Tu só to podes contemplar, expressar e amar como infinita e eternamente mereces.

*Do livro «Frutos de oración.
Reflejos de una vida»
(«Frutos de oração. Reflexos de uma vida»)*

16-1-1978

3.364. Deus *se é* o Ser infinitamente inteligível que, *sendo-se* por Ele mesmo Entendimento Sabido em Amor, tem em si e por si a sua subsistência infinita, pessoal, consubstancial e coeterna.

3.365. Deus *se é* Pessoas por *ser-se* o entendimento infinito em subsistência coeterna.

3.366. Deus *se é* entendimento pessoal em penetração infinita e coeterna de Sabedoria Entendida em Amor de mútua adesão.

3.367. Deus *se é* tudo quanto pode ser na potência infinita de poder ser tudo o infinitamente perfeito. E este *poder-se-o ser*, n'Ele é Sabedoria abrangente de entendimento pessoal, em Explicação perfeita e em adesão consumada de Amor eterno.

3.368. Em Deus seu Entendimento sapiencial é tão sapiencialmente sabido em Expressão infinitamente terminada, que está consumado numa Adesão de amor infinito de coeterna perfeição, em intercomunicativa sapiência amorosa de infinita Trindade.

3.369. O que a Deus faz ser Pessoas não é a perfeição ou exuberância dos seus infinitos atributos, mas a sapiência penetrativa que Ele *se é* em abrangência de toda a sua infinita perfeição, expressada por Ele mesmo em soletração de en-

tendimento abrangido, que manifesta, em Verbo de sapiencial entendimento, o Eterno Sapiante no seu modo de ser.

3.370. Deus não pode ser Pessoas em cada um dos seus atributos, porque os atributos, por si mesmos, não são inteligentes; e o que a Deus faz ser um só Deus em três Pessoas consubstanciais e coeternas, é *ser-se* por si mesmo entendimento sapiencial de sabedoria amorosa.

3.371. Deus é três divinas Pessoas por *ser-se* em si o ato inteligente de Sabedoria sida em Expressão sapiencial de entendimento infinitamente perfeito, e em Adesão amorosa de coeterna comunicação, pela sua saborosa sabedoria de ciência transcendente.

3.372. Deus é tudo quanto infinitamente sabe que pode ser, e pode ser tudo na capacidade infinita do seu modo de ser. E este saber que tudo pode ser, é potência de *estar-se-o sendo* em Sabedoria Sabida de entendimento Amoroso.

3.373. Deus é a consciência pessoal de toda a sua perfeição infinita, sida e possuída em abrangência coeterna de Entendimento Sabido em penetração Amorosa.

3.374. Deus *se é* a perfeição infinita em consciência pessoal de quanto é, num ato sapiencial de Sabedoria Sabida em Adesão amorosa. E pela perfeição dessa consciência entendida em expressão amorosa, é coeterna Trindade em intercomunicação perfeita de infinito e mútuo entendimento.

3.375. Deus, ao conhecer-se como é, em consciência pessoal de infinita perfeição, tem necessidade intrínseca de expressar-se a si mesmo; e isto é em tal desfrute de consumação, que, na perfeição sida de Expressão terminada que por si mesmo Ele *se é*, fica a si mesmo aderido em amorosa adesão de Amor eterno.

3.376. Deus é tão perfeito, tão acabado e tão infinito, que, diante da Consciência pessoal de saber-se quanto é em Expressão perfeita, fica consumado numa adesão amorosa de Beijo eterno. Beijo que é pessoa em entendimento de retorno amoroso.

3.377. Deus *se é* um só ato de vida conscientemente pessoal de Sabedoria Expressada em coeterna adesão de Amor infinito.

3.378. Eu sou aquilo que o poder infinito do Criador eterno quis plasmar em mim quando criou-me para cumprir o fim que Ele se propôs sobre mim. Pelo que só quando eu, em entendimento perfeito, amoldo-me ao pensamento do meu Criador, sou o que tenho que ser; e, fazendo quanto tenho que fazer, dou o seu verdadeiro sentido ao meu ser e ao meu atuar.

10-2-1969

POTÊNCIA DIVINA

Na potência divina
do seu *ser-se ser-se* o Ser,
Deus vive a sua vida em si
sendo tudo quanto é.

Deus *se é* sabedoria
que, rebentando em poder,
sabe quanto pode *ser-se*,
e é quanto *se pode ser*,
pela sua subsistência eterna
de sapiencial entender.

Em tal potência infinita,
que, no seu inexaurível ser,
Ele *se é* quanto se pode
na sua maneira de ser.

Ó, o que és, meu Deus...!
Ó, o que *te podes ser*...!
Ó, como *to estás sendo*
pelo teu coeterno poder...!

O *ser-te* o que *te és*
produz em Ti tal prazer,
que Tu subsistes em gozo,
ao ser tudo por teu ser.

Te és o Infinito
em tua maneira de ser,
nessa que Tu te tens
pelo teu infinito poder.

Ó, quanto podes, meu Deus,
pelo teu infinito saber
de suficiência divina
em teu subsistente ser!

9-1-1967

DEUS É UM MISTÉRIO DE UNIDADE EM INTERCOMUNICAÇÃO FAMILIAR DE VIDA TRINITÁRIA

Ó inefável sabedoria do Subsistente Ser!
sido, vivido e desfrutado saboreavelmente no
recôndito mistério do seu arcano insondável;
numa intercomunicação consubstancial tão
íntima, deleitável, profunda e de mútuo retor-
no, que Deus *se é* o Ser essencial e intrinseca-
mente vivido em si, por si e para si, profun-
do...!, dentro...!,

não só sendo na sua vida trinitária aquilo que
é e quanto é em infinitude infinita de ser, po-
dendo *ser-se-o e estando-se-o sido* em desfrute
gloriosíssimo de Divindade; mas que *se o é* e se
o vivem as divinas Pessoas umas nas outras na
profundidade profunda e insondável do seu
inesgotável, exuberante e infinito mistério.

Coisa que o Senhor, por um beneplácito da
sua infinita vontade, fez ver à minha alma, uma
vez mais, no dia 9 de janeiro de 1967;

introduzindo-me no consubstancial e secre-
tíssimo mistério da sua infinita profundidade,
tão só para que o manifestasse como membro
vivo e vivificante da Santa Mãe Igreja, que tem
que mostrar esta Santa Mãe tal qual é, com
quanto, para que o comunique, o Infinito Ser

imprime no mais profundo e íntimo da medula do meu espírito;

invadindo-me com a sua sabedoria amorosa, para que o proclame «no tempo oportuno e no inoportuno»¹ no meu cântico de Igreja.

«Pela graça de Deus sou o que sou»². «Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; é, antes, uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho! Se eu o fizesse por iniciativa própria, teria direito a um salário; mas, já que o faço por imposição, desempenho um encargo que me foi confiado»³.

Pelo que a minha alma clama dilaceradamente desde o mais profundo do meu espírito:

Ai de mim se não dissesse quanto, para que o manifeste, foi-me comunicado!

Que feliz é Deus, que vive a sua vida em si, por si e para si, na intercomunicação de lar da sua Família Divina, na sua desnecessidade infinita e eterna de que ninguém lhe dê, nem lhe aumente, nem lhe possa tirar nem diminuir a sua glória coeterna e essencial, vivida em si e para si, infinitamente distinta e distante de tudo o que é criado...!; sendo o Inacessível, o Imutável, Inalterável e Intocável:

«Eu sou aquele que é. Este é o meu nome para sempre, e é assim que me invocarão de geração em geração»⁴.

¹ 2 Tm 4, 2.

² 1 Cor 15, 10.

³ 1 Cor 9, 16-17.

⁴ Êx 3, 14-15.

Que feliz e que ditoso é Deus, que tem em si toda a sua felicidade infinita em eternidade sem tempo de abrangência coeterna...!

Ó onipotência soberanamente subjugante e transcendente do Infinito Ser em comunicação trinitária de Família Divina...!

Deus é um mistério de unidade tão una, em si, por si e para si, em subsistência infinita de suficiência eterna; que, apesar de ser três divinas Pessoas, é tão uno na sua subsistente Divindade, que as três divinas Pessoas são um só ser, uma só vida, que cada uma *se a é* e se a vive no seu modo pessoal;

tendo-a cada uma em si e para si, e tendo-a e *estando sendo-se-a* cada uma em si e nas outras divinas Pessoas, por perfeição intrínseca da sua natureza divina; que as faz ser um só Deus em três Pessoas, uma só vida e um só ser, que é o solaz, o recreio e o descanso das Três em intercomunicação de lar de Família Divina de suficiência infinita e coeterna.

Pelo que o Pai *se é* tudo quanto pode ser; e pode ser tudo o divino e infinito em infinitude;

e *se o é* infinitamente suficiente e coeternamente subsistente;

estando sendo-se-o e *tendo-se-o sido*, no instante-instante sem tempo da sua eternidade, em si mesmo e para si mesmo, e nas outras e para as outras divinas Pessoas.

As quais são o fruto da fecundidade geradora do Pai rompendo em paternidade sapien-

cial de Expressão canora, e de espiração amorosa no Espírito Santo por si e pelo seu Verbo; num mistério de unidade tão subsistente como suficiente, e tão eterno como infinito.

O Pai está gerando o Filho, «Imagem do Deus invisível»⁵, «Resplendor de sua glória e expressão do seu Ser»⁶, o Resplendor eterno das suas infinitas perfeições, a Explicação canora do seu *ser-se* potencial; em si, junto a si, dentro de si, na profundidade profunda do arcano insondável do seu mistério.

E, dentro de si, prorrompe pronunciando a sua Palavra eterna, que tem sempre pronunciada: seu Filho, a sua Explicação canora.

O qual expressa tudo o que é o Pai, como *se o é*, e como *se está sendo* o Ser subsistente rompendo em fecundidade de paternidade geradora.

O Filho está no Pai e é gerado pelo Pai no mesmo Pai; e surgindo d'Ele, não sai.

«Àquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo dizeis: “Blasfemas!”, porque disse: “Sou Filho de Deus!”. Se não faço as obras de meu Pai, não acrediteis em mim; mas se as faço, mesmo que não acrediteis em mim, crede nas obras, a fim de conhecerdes sempre mais que o Pai está em mim e Eu no Pai»⁷.

⁵ Cl 1, 15.

⁶ Hb 1, 3.

⁷ Jo 10, 36-38.

E apesar de ser gerado no Pai e pelo Pai, ao ser a Palavra eterna e consubstancial do Pai, é gerado no seu mesmo seio.

Porque o Pai gera o Filho, que tem no seu seio, o «Filho Unigênito, que está no seio do Pai»⁸, gerando-o e gerado, no mesmo seio do Filho;

já que um mesmo seio, uma mesma vida e um só ser são e têm os Três, sido e vivido no modo pessoal de cada um.

Pelo que o Filho, dentro de si é gerado pelo mesmo Pai; e os Dois, cada um em si e no outro, pelo seu ser e pelas suas pessoas –as quais estão umas nas outras–, espiram o Espírito Santo;

o qual é o Abraço consubstancial do Pai e do Filho, em amor paterno-filial rompendo em beijo de retorno de intercomunicação trinitária.

Estando sempre realizada em eternidade sem tempo toda esta vida trinitária, pelas divinas Pessoas e em cada uma das divinas Pessoas, num mistério de unidade tão una como de intercomunicação trinitária, no recôndito e velado segredo da sua unidade de ser; tão exuberante na sua riqueza, como simplicíssimo na simplicidade coeterna do Ser divino, abrangido e vivido por Ele sem princípio, sem tempo e sem ocaso, num só, coeterno e simultâneo ato de vida.

⁸ Jo 1, 18.

«Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim»⁹, «Pai das luzes, no qual não há mudança nem sombra de variação»¹⁰. «Mas Tu continuas o mesmo, e teus anos não têm fim. Tu existes desde sempre»¹¹.

O qual, precisamente pela sua simplicidade infinita, faz-se tão difícil de captar ao nosso complicado entendimento, acostumado a viver e discorrer em e com o transcorrer do tempo, para chegar a captar e terminar de compreender e realizar as coisas.

Pois o Imprincípio, o Sem-fim e o Sem-tempo *se é* tudo quanto é pela sua subsistência e suficiência abrangente, no seu só e simplicíssimo ato de ser intercomunicativo de vida trinitária.

«Só Deus no que é!,
no seu divino mistério,
na sua eternidade sem fim,
no seu *ser-se* coeterno.

Só Deus! –grita o meu ser–,
no seu sempre *estar-se sendo*
o Sido e O que É,
sem necessitar do tempo.

Por si é perpetuidade,
sem começar e sem termo;
e todo *se é* terminado
aquele sublime Concerto
de Trindade unitária;

⁹ Ap 21, 5-6.

¹⁰ Tg 1, 17.

¹¹ Sl 101, 28; 92, 2.

num ato tão perfeito,
que tudo é em si,
no seu sapiencial sabê-lo,
sem mais afazer que poder,
podendo tudo ser:
tudo o que é infinito
fora de quanto é terreno,
em sublime dignidade
possuída e possuindo;
em Família tão divina,
que, no seu gerar sempre novo,
o Pai está dando à luz
a quem é eterno Luzeiro,
Fogaréu de eternidade
no seu mesmo pensamento,
Expressão rompendo em luz
de melodiosos acentos.

Amores que vão e vêm
fluem do Pai e do Verbo,
Abraço que ambos se dão
no sublime segredo
cheio de Divindade
d'Aquele que Gera o Procedendo
da sua divina Sapiência
em cantares do Eterno;
e assim ressurgem em amor
aquela pessoa em Beijo
que envolve com a sua Divindade,
em total abrangência,
Aquele que É coeterno
em Trindade de mistério».

12-2-1977

Pelo que o Pai pelo seu ser e a sua pessoa é, e está sendo o que é e fazendo o que faz no seu modo pessoal, não só em si mesmo, por si mesmo e para si mesmo; mas também no Filho, para o Filho, na pessoa do Filho; e no Espírito Santo e para o Espírito Santo;

o Filho, pelo seu ser e a sua pessoa, é e está sendo o que é e fazendo o que faz no seu modo pessoal, em si mesmo e para si mesmo; no Pai e para o Pai; e no Espírito Santo e para o Espírito Santo;

«Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe? Quem me viu, viu o Pai. Como podes dizer: “Mostra-nos o Pai?” Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que vos digo, não as digo por mim mesmo, mas o Pai, que permanece em mim, realiza suas obras. Crede-me: Eu estou no Pai e o Pai em mim. Crede-o, ao menos, por causa destas obras»¹².

E o Pai e o Filho, pelo seu ser e as suas pessoas, são e estão sendo o que são e fazendo o que fazem no seu modo pessoal, no Espírito Santo e para o Espírito Santo;

e o Espírito Santo está no Pai e no Filho, pelo seu ser e a sua pessoa, sendo o que é e fazendo o que faz no seu modo pessoal, e em si mesmo e para si mesmo.

E não só é que estejam as divinas Pessoas umas nas outras, é que *se são* umas nas outras por razão da sua subsistência eterna.

¹² Jo 14, 9-11.

A qual o Pai a tem por si mesmo, em si e para si e nas outras e para as outras divinas Pessoas;

o Filho a tem em si e para si, sapientemente recebida do Pai, e para as outras divinas Pessoas;

e o Espírito Santo a tem em si e para si, recebida do Pai e do Filho, e para as outras divinas Pessoas.

E cada uma é em si e nas outras e para as outras divinas Pessoas; e tem-se a sua dita e a sua felicidade em si e para si e nas outras e para as outras divinas Pessoas num mistério infinito e coeterno de unidade em intercomunicação trinitária e unitiva, por não ter intrinsecamente em Deus nem princípio nem fim na sua desnecessidade divina de sucessão do tempo, por subsistência e suficiência infinitas.

Pelo que o Pai gera o Filho na mesma pessoa do Filho, estando-o gerando e tendo-o gerado.

O Filho expressa o Pai na pessoa do Pai, estando e sendo gerado em e pelo Pai.

E o Espírito Santo está sendo espirado pelo Pai e pelo Filho, como fruto de amor paterno-filial de entre ambos, na pessoa do Pai, na pessoa do Filho e na sua mesma pessoa.

Já que Deus *se é* um só ato de ser, sido em abrangência simplicíssima de eternidade, em in-

tercomunicação trinitária de Sabedoria sabida em Explicação canora de Amor eterno, de mútuo retorno e de Família Divina.

Deus é um mistério de unidade vivido em si, por si e para si!

Mistério d'Aquele que É que, pela simplicidade do seu ser, só é sabido, numa antecipação de sabedoria amorosa, pela alma que, introduzida na sua Câmara nupcial e afundada no recôndito arcano da unidade do Ser, saboreia, em degustação desfrutável e gloriosíssima, a simplicidade coeterna d'Aquele que É, sido em si, por si e para si, no seu ato imutável de vida, de Divindade subsistente, infinitamente distinto e distante de tudo o que não é Ele.

Porque, que tem a ver a criatura com o Criador, o Infinito com o criado e a Eternidade com a sucessão e limitação do tempo...?!

Deus é um mistério de infinita unidade, repleto de transcendência divina no seu ato simplicíssimo de Trindade comunicativa e de mútuo retorno!

Dá-me, Senhor, saber-te saber, para poder-te saber dizer de alguma maneira com os modos humanos da pobre e raquítica limitação do meu expressar criado; para que, transcendendo das coisas de cá, possamos saber e saborear, no nosso limitado entender, algo de quanto bom e deleitável é Deus para os que o amam,

no insondável mistério do seu ser, que «de vida eterna sabe e toda dúvida paga»¹³.

Deus é um só Deus, um só ser, uma só vida, uma só perfeição infinita, uma única abrangência sã, possuída, vivida pelos Três em intercomunicação trinitária e de retorno e em perfeição única.

E a vida de cada uma das divinas Pessoas é, no seu modo pessoal, para cada uma, em gozo infinito de felicidade eterna, e para as outras; e é de cada uma e das outras;

e *se a são* as umas nas outras para si e para as outras divinas Pessoas, pela relação intrínseca de cada uma, vivida em si e nas outras; podendo elas dizerem em verdade: «Tudo o que é meu é teu o que é teu é meu»¹⁴;

para a glória de Deus e exaltação do seu infinito e coeterno poderio: «Só Vós sois o Santo, só Vós, o Senhor, só Vós, o Altíssimo»¹⁵ único Deus verdadeiro!; que se nos dá e manifesta pelo seu Unigênito Filho, Jesus Cristo, seu enviado.

Já que «n'Ele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: tronos, soberanias, principados, autoridades, tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele é antes de tudo e tudo n'Ele subsiste. Ele é a Cabeça

¹³ São João da Cruz.

¹⁵ Hino do Glória.

¹⁴ Jo 17, 10.

da Igreja, que é o seu Corpo. Ele é o princípio, o primogênito dos mortos, (tendo em tudo a primazia), pois n'Ele aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude e reconciliar por Ele e para Ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo Sangue da sua cruz»¹⁶.

8-5-1960

«Entraram-me onde não soube, e tanta ciência aprendi, que, sem sabê-lo, entendi aquele divino Entender.

Entender que é, na sua Fonte de sempiterno saber, o gerar sempre novo daquele eterno Saber.

Ó eterna Sabedoria!, no teu saber-te saber, és o Saber Sabendo, do teu saber-te entender...

Entender que é, na sua Fonte, gerar aquele Saber sempre eterno, rebentando num Cantar de explicativo entender;

num Saber Amoroso, de tão amado saber, que em três Pessoas divinas, tendo um só entender, cada uma se o sabe segundo o seu modo de saber:

O Pai está sabendo-o em gerador saber; o Filho está sabendo-o em expressivo entender; sendo sabido entre ambos em tão subido saber, que o amor de entendimento, num Amor pessoal, é o Amor nos Três.

¹⁶ Cl 1, 16-20.

Ó Amor de sabedoria!, de tão subido saber, que é o Amor entendido daquele eterno Entender, daquele Saber sempiterno que, sempre rompendo em Três, é amor de entendimento em Amoroso Saber.

Ó meu Deus, trino em Pessoas, sufficientíssimo Ser, que, em subsistência coeterna, sabes quanto podes ser pela tua infinita potência de divinal entender, em unidade coeterna sempre rebentando em Três...!

Eu sabendo, sem saber, a tua sabedoria eterna, entendo, sem entender –na minha pobreza entendendo– pelo meu limitado ser, ficando transcendendo, esta ciência sempre nova do teu divino entender.

Eu necessito abismar-me no teu inesgotável ser, no teu Saber-te Sabendo de divinal entender; para dizer, não sabendo, em teu Expressivo Saber, este saber, não entendendo, que, no teu saber, eu me sei!

Saber de sabor eterno, que, no meu pobre compreender, deixando-me transcendendo, eu em Ti o sei, sem saber.

E enquanto mais de Ti entendo, mais fico sem saber aquele Saber coeterno do teu saber-te saber; que só em Ti entendendo, ficando sem saber, todo o meu ser transcendendo, eu a Ti te sei, sem saber, no teu saber-te para dentro, de divino entender.

Um só saber Três têm na profundidade do seu ser, no festim coeterno do seu infinito poder...

Ó Entendimento divino!, quem te pudesse entender no saber tão subido do teu saber-te entender...!

Quem te pudesse saber, ó Entendimento saboroso!, no mistério amoroso da profundidade do teu ser...!

Eu, sem saber-te, sei-te num saber, transcendendo, que me deixa não sabendo o teu ilimitado entender».

Porque, assim como o Pai está no Filho, *sendo-se* o que é e *tendo-se-o sido*, e fazendo o que faz no seu modo pessoal;

o Filho está no Pai, sendo o que é e fazendo o que faz; «meu Pai trabalha sempre, portanto também Eu trabalho. Em verdade, em verdade, vos digo: o Filho, por si mesmo, nada pode fazer mas só aquilo que vê o Pai fazer; tudo o que Este faz o Filho o faz igualmente»¹⁷;

e o Espírito Santo está no Pai e no Filho, sendo o que é e fazendo o que faz.

E este «estar» não é só pelo seu ser, mas o é também pelas suas pessoas.

Já que não podem ser distintas nem deixar de fazer o que fazem em si, ao *estar-se sendo* umas nas outras.

Pelo qual, o Pai gera o Filho em si mesmo, por si mesmo e para si mesmo, no seu ser e

¹⁷ Jo 5, 17. 19.

pelo seu ser, pela sua pessoa e na sua pessoa; e na pessoa do Filho, e do Espírito Santo;

e o Filho é gerado e expressa o Pai, pelo seu ser recebido do Pai e pela sua pessoa, na pessoa do Pai, d'Ele mesmo e do Espírito Santo;

assim como o Espírito Santo é espirado, como fruto do amor paterno-filial do Pai e do Filho e pelo Pai e pelo Filho rompendo em beijo de amor, no ser ou seio e na pessoa do Pai, no seio e a pessoa do Filho, e no seu mesmo seio e na sua mesma pessoa.

Já que um só seio os Três são e têm, cada um no seu modo pessoal, sido, *estando-se-o sendo* e intercomunicando-se-o cada um em si mesmo e nas outras divinas Pessoas, para si mesmo e para as outras.

Ser ou seio, no qual são o que são as três divinas Pessoas, estando umas nas outras;

e recebendo, umas nas outras e das outras pelas suas pessoas e relações, por e no modo pessoal de cada uma e do modo e com o modo das outras, o que são e como o são em intercomunicação de mútuo retorno de sabedoria pessoal;

sida pelo Pai, expressada pelo Verbo e espirada pelo Pai e pelo Filho na sua intercomunicação paterno-filial, amorosamente em e pelo Espírito Santo;

sendo e tendo-se-o sido em si, por si e para si, pela união intrínseca da sua Divindade, um único Deus e um só Ser em três Pessoas.

As quais, pelo seu ser, pelas suas pessoas e nas suas pessoas, cada uma é toda a Divindade no modo pessoal de *ser-se-o* e *estar-se-o sendo* em intercomunicação trinitária de Sabedoria, sida pelo Pai, expressada pelo Verbo, irrompendo ambos em beijo de amor sapiencial pelo Espírito Santo.

Pelo que Deus é um ato de ser sapiencialmente sabido em Sabedoria Expressada Amorosamente em colóquio saboreavelmente ditosíssimo de Família Divina.

E tudo isto que, pela limitação da mente humana parece tão complicado à nossa pobre e limitada captação, não só por não o saber, mas por não o saber manifestar, é num só ato infinitamente simplíssimo e singelíssimo de abrangência coeterna e infinita, sem princípio, sem sucessão de tempo e sem fim, pela excelsitude excelsa do Infinito Ser em intercomunicação trinitária de Família Divina nesse só ato de ser vital; que, por não haver em Deus nem antes nem depois, é sido e consumado no seu subsistente e divino instante de eternidade; e que, pela singeleza da sua simplicidade, não cabe na mente da criatura, submetida ao tempo, à distância, à complicação e ao lugar.

Que feliz é Deus, que toda a dita infinita que se tem e *se é*, vive-a para si na sua comunicação eterna...!

Deus é um ato de Sabedoria, Sabida em Amor, na intercomunicação trinitária e unicíssima do seu ser.

O Pai tem o Filho dentro de si, porque é em si e para si onde Ele e para o que Ele pronuncia a sua Infinita Palavra.

O Filho surge do seio do Pai –sem sair– porque o pronunciar do Pai é dizer-se dentro e para dentro!, para dentro...!;

igual que o amar-se do Pai e do Filho é um abraço para dentro, que se dão os Dois na comunicação profunda do Espírito Santo.

A vida de Deus é vivida por Ele no arcano íntimo da sua profundidade sacrossanta, na profundidade do seu mistério, em si e para si.

Deus é todo fundo, profundo, recôndito e encerrado, lacrado e entrelaçado, e apertado amorosamente em si, por si e para si!

Pelo que, dentro de si, o Pai prorrompe na sua Palavra para explicar-se a si mesmo a sua vida infinita;

dentro de si, o Verbo soletra toda a substância funda da medula profunda da subsistência eterna do Pai;

e dentro de si, o Pai e o Verbo estão abraçados e são abraço de comunhão coeterna no saboreamento fundo do Espírito Santo em beijo de amor do Pai e do Filho, na comunicação profunda da sua vida trinitária.

Que mistério de unidade, vivida e intercomunicada na sua Trindade de Pessoas, encerra esta profundidade dos Três...!

Que fundura a da sua profundidade...! Que profundidade a do seu adentramento...! Que amor o da sua vida...!

E que mistério tão profundo a alma penetra neste *ser-se* Deus Sabedoria Sabida em Amor na fundura funda, funda! da sua profundidade transcendente, una e trinitária, sem podê-lo abranger, sem podê-lo dizer nem podê-lo explicar...!

O Pai diz: «Vou dizer-me o que sou no meu amor eterno». E este dizer-se o que é, é gerar; e este dito em amor, é espirar o Espírito Santo por si e pelo seu Verbo.

E Deus se o diz para si...! E Deus se o ama para si...! E Deus *se o é* para si, para o seu gozo e o seu *contento* eterno, para a sua felicidade plena e infinita, para a sua comunicação trinitária e unitária, num mistério inefável de unidade coeterna e infinitamente subsistente e transcendente...!

Que feliz é Deus, que se diz o que é no mistério da sua vida trinitária em si e em cada uma das divinas Pessoas para glória e gozo essencial de cada uma delas...!

Pelo que Deus é o único Deus, que é tão Ser, tão infinitamente transcendente e tão eter-

namente ultrapassado para a criatura, que esta não só não o pode intuir, mas, ainda menos, explicar; mas que fica com um saboreamento de eternidade, de doçura e de gozo, que lhe faz gostar, em degustação amorosa, de que sabe Deus.

Por isso, quem quiser saber do Infinito, que deixe as coisas de cá e entregue-se a uma vida de profunda humildade; que busque a verdade que só está em Deus, e saberá –de saborear–, sem saber, de que sabe Aquele que *se É*.

Saberá esse *estar-se sendo* d’Aquele que *É* na sua subsistência eterna, na sua vida, nas suas Três. Saberá ou intuirá como é Aquele que *se É, sendo-se* e criando, ainda que ficará sem podê-lo dizer nem expressar.

E Deus se nos manifesta pelo seu Unigênito Filho Jesus Cristo, uno com o Pai e o Espírito Santo, para que o conheçamos sob o amor, o impulso e a intimidade do mesmo Espírito Santo, e possamos entrar no banquete do seu festim eterno;

sendo reencaixados por Cristo, com Ele e n’Ele, nos planos eternos de Deus, nos que nos criou para fazer-nos filhos seus, herdeiros da sua glória e partícipes do mistério da unidade da sua vida no gozo ditosíssimo e gloriosíssimo dos que tenham «a fronte marcada com o nome d’Ele e o nome do seu Pai»¹⁸;

¹⁸ Ap 14, 1.

os quais, sendo reconhecidos por Pedro –«Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei minha Igreja. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus...»¹⁹– são introduzidos por ele nas Bodas eternas, no gozo ditosíssimo; entoando com os Bem-aventurados um: «Santo, Santo, Santo, é Iahweh dos Exércitos, a sua glória enche os Céus e a terra»²⁰.

«O louvor, a glória, a sabedoria, a ação de graças, a honra, o poder e a força pertencem ao nosso Deus pelos séculos dos séculos. Amém»²¹.

¹⁹ Mt 16, 18-19.

²⁰ Is 6, 3.

²¹ Ap 7, 12.

22-11-1968

A IGREJA, MISTÉRIO DE UNIDADE

Esta manhã, antes de levantar-me, estando fazendo oração, de repente!, numa rajada penetrante, aguda e continuada, como num abrir e fechar de olhos, inundou-se a minha alma iluminada pelo pensamento divino; que, paulatina, mas penetrante e profundamente, ia invadindo meu pobre e limitado entender com a luminosidade do seu divino entender, que me fazia compreender os planos divinos desde todos os tempos em Deus sobre a Santa Mãe Igreja;

mediante a qual, em e pela qual, Aquele que É eternamente queria doar-se e manifestar-se pelo seu Unigênito Filho Jesus Cristo em Palavra aos homens.

Ficando invadida de uma terrível verdade que me deixou tão profundamente impressionada qual jamais poderei expressar.

Contemplei a Deus, desde o princípio dos tempos, no momento sem tempo de conceber a Igreja no mistério da sua vida e da sua missão; entendendo qual era o autêntico e verdadeiro sentido do desígnio divino sobre ela.

Vi como a quis Deus desde o princípio, e o que sucedera através das diversas épocas no seio desta Santa Mãe;

descobrimo e penetrando profundamente o que se tinha que realizar dentro dela, como rejuvenescendo a Esposa de Cristo e desentranhando o seu dogma riquíssimo, para fazê-lo viver a todos os seus membros em sabedoria e amor; e como havia que pô-la para que voltasse a ser aquilo que Deus, no seu infinito pensamento, sonhou desde toda a eternidade, para a Nova, Universal e Eterna Jerusalém, engalanada com a mesma formosura de Deus, e repleta e saturada da sua mesma Divindade.

Depois de contemplar, nesta rajada forte, profunda, certa, luminosa, aguda, clara, transparente e prolongada!, o pensamento de Deus sobre a sua Igreja e a situação em que esta se encontrava pelas deformações que no transcorrer dos tempos caíram sobre ela, e o que havia que fazer para a sua verdadeira e autêntica renovação; o mesmo Senhor mostrou-me que, para a realização de tudo isto, surgira no nosso tempo o Concílio Vaticano II, e junto ao Concílio, como um grãozinho de mostarda, A Obra da Igreja, cheia de abundantes dons e ricos frutos.

A qual, ao lado do Papa e dos demais Sucessores dos Apóstolos, tinha que ajudá-los, colaborando a realizar durante todos os tempos, diante de Deus e dos homens, a autêntica, verdadeira e essencial missão para a qual Cristo fundara a sua Igreja;

apresentando o verdadeiro rosto desta Santa Mãe, ânfora preciosa e repleta de Divindade, Santuário de Deus entre os homens, onde o Pai

e o Espírito Santo, por Cristo, dão-se-nos e moram em Família conosco, fazendo da Nova Sião, Templo vivo e Morada do Altíssimo.

Inundada diante de tanta verdade, senti medo por esse não sei que, que impregna a minha vida, quando tenho que descortinar os véus do meu espírito e, cheia de pudor espiritual, comunicar quanto Deus mostra-me para que o manifeste:

Primeiro, pela grandeza da Igreja que eu contemplava, repleta de santidade e formosura, como o único caminho, qual espelho luminoso, imaculado e sem mancha, no qual o mesmo Deus plasma-se, olha-se e reflete-se, e que nos conduz à vida, saturada da verdade divina e divinizante que Cristo depositou no seu seio de Mãe;

encomendando-a aos seus Apóstolos, e da qual fez Pedro rocha, fundamento e cabeça visível de toda ela.

Ao mesmo tempo que via a desfiguração que fizéramos da Igreja no transcorrer deste duro e penoso peregrinar, em que caminhamos para a Casa do Pai; a maioria das vezes sem encontrar a verdade, luz e vida que Cristo, como único caminho que conduz ao Pai, veio trazer-nos: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim»¹.

Segundo, por ter que descobrir muitas coisas que me custavam.

¹ Jo 14, 6.

E terceiro, por ter que fazê-lo eu, que sou no seio da Igreja a última e menor das filhas desta Santa Mãe, e tão só o seu Eco pobre e diminuto, para manifestá-la em proclamação de repetição –já que o Eco não tem voz própria, só repete– junto com os filhos da grande promessa que Deus fez à minha alma, para perpetuar-me sempre diante d’Ele com a minha missão prolongada pela minha descendência durante todos os tempos. [...]²

11-8-1974

ÉS OBRA DA IGREJA

«Filho das minhas alegrias,
minha esperança neste solo,
coroa das minhas conquistas,
expressão de quanto encerro,
descendência que prolonga
meu cantar no desterro
e a missão sacrossanta
que o Infinito em mim pôs...!

Filho dos meus anelos!,
enaltece hoje a tua voz!,
levanta-te mensageiro!,
dá descanso à minha alma ferida
com teu triunfo no torneio!

² Com este signo indica-se a supressão de trechos mais ou menos amplos que não se julga oportuno publicar em vida da autora.

Canta Deus em teus cantares,
que Ele goza satisfeito
quando escuta os sons
das minhas vozes no teu acento.

És Obra da Igreja
que prolonga minha missão
ao longo dos tempos.

Repleta o teu sacerdócio,
cumprindo a vocação
que o infinito em ti pôs!

Minha alma descansa em ti,
porque tu prolongarás
meus cantares do Imenso,
manifestando a Igreja
segundo o desígnio eterno
d’Aquele que a mostrara a mim
em tão diversos momentos,
repleta de ricos dons
ou pedindo-me consolo.

Deus me deu a minha descendência,
e em seu número te vejo,
sendo diante d’Ele prolongada
em romances de mistério.

Filho, a tua glória é a minha glória,
se é que eu, quanto te olho,
refletida em ti me vejo.

Deus quer ter-me sempre,
quanto perdurem os tempos,

reverberada nos meus filhos
para a sua glória e *contento*,
e feitos “uno” no plano
do seu eterno pensamento.

Filho das minhas esperanças!,
recebe-me, que anoiteço
e se apagam meus cantares
de tanto penar em dó.

Escuta-me, que ainda não é tarde;
quem sabe se já amanhã
Deus me levará a seu seio...!».

Obrigada, Senhor!, mas eu não sou digna!
Mais bem sei que, à maior miséria, maior e mais
abundante misericórdia; já que «as misericór-
dias de Deus são eternas»³ e não tem fim.

As quais se nos manifestam e comunicam,
por Cristo sob o amparo da Maternidade da
Virgem, com coração de Pai e amor de Espírito
Santo, no seio espaçoso, divino e divinizante,
da Santa Mãe Igreja, repleta e saturada de san-
tidade;

a Nova e Celestial Jerusalém que, qual «torre
fortificada», abriga nas suas muralhas os homens
de todo povo, raça e nação; conduzindo-os com
passo firme e «braço forte»⁴ às «Núpcias eternas
de Deus e do Cordeiro com a sua esposa»⁵ a
Igreja, engalanada com todas as suas jóias e re-
pleta de santidade e celestial formosura.

³ Cf. Sl 135.

⁴ Jr 21, 5.

⁵ Cf. Ap 19, 7.

Assim como Deus é um consubstancial mis-
tério de unidade em intercomunicação familiar
de vida trinitária, a Igreja é mistério de unida-
de. Porque é a que contém, em manifestação
e perpetuação, o mistério de Deus em si, por
si e para si e vivido com os homens e entre os
homens; que se nos dá por Cristo, sob a Mater-
nidade divina de Maria, Mãe da Igreja univer-
sal, encomendada por Cristo aos seus Após-
tolos, os quais «designou, para que ficassem
com Ele e para enviá-los a pregar»⁶, rogando
por eles para que fossem uno como Deus é
uno:

«Por eles Eu rogo; não rogo pelo mundo, mas
pelos que me deste, porque são teus e tudo o
que é meu é teu e tudo o que é teu é meu, e
neles sou glorificado. Já não estou no mundo;
mas eles permanecem no mundo e Eu volto a
Ti. Pai Santo, guarda em teu nome os que me
deste, para que sejam um como nós. Eu lhes dei
a tua Palavra, mas o mundo os odiou, porque
não são do mundo, como Eu não sou do mun-
do. Não peço que os tires do mundo, mas que
os guardes do Maligno. Consagra-os na verda-
de; a tua Palavra é verdade»⁷.

A Igreja é formosa com a mesma formosu-
ra de Deus, que a envolve, a enobrece, a en-
jôia, a penetra, a satura e a engalana, fazendo-
a a Esposa imaculada do Cordeiro; envolta com
um manto real de sangue que o seu Esposo di-
vino regalou-lhe no dia das suas Bodas.

⁶ Mc 3, 14-15.

⁷ Jo 17, 9-11. 14-15. 17.

A Igreja necessita fazer viver todos os seus membros em plenitude, e colocá-los em dia na sua grande realidade.

É divina e é humana; pelo que, pela sua realidade divina, há de saturar-se de Divindade na sua parte humana...

Por isso Deus, de vez em quando, pega a Igreja e a criva como o trigo na peneira, para esclarecer a sua verdade, endireitar o confuso ou torcido, separar, dentro dela, o trigo da palha, e jogar fora a escória que a suja, a nubla e a obscurece.

Pelo que na vida da Igreja há momentos nos quais aparece resplandecente, luminosa, repleta de divina formosura, cheia de dons eternos e doadora de todos eles;

enquanto que em outros, pela torcedura do coração do homem, vêem-se mais palpável e visivelmente os defeitos e os pecados dos seus filhos, com as marcas que deixam no seu seio de Mãe.

Momentos para nossa mente humana difíceis de entender, bem por não submeter-nos aos planos de Deus, ou por não compreendê-los; e não penetrar, por um lado, na Divindade que na Igreja encerra-se repletando-a da santidade que nela e por ela se nos comunica e manifesta; e, por outro, na fragilidade, debilidade e pecados dos seus membros, e inclusive, na má vontade de alguns deles.

Que grande é a Igreja...!, que universal!, que ampla!, que simples e que eterna...!

Que grande é o Concílio...! Com que missão tão profunda, tão cheia de sabedoria amorosa e tão sobrenatural como simples, acessível e universal, surgiu na Igreja...!

Que grande foi João XXIII, a quem inspirou o Senhor o Concílio!

Que grandes são os meus Bispos queridos reunidos com o Papa para reger a Igreja sob a vontade do Pai, manifestando-a com a expressão do Verbo e abrasando-se e abrasando-nos todos, feitos uno no amor e no impulso do Espírito Santo!

Que grande é a Igreja, e que iluminada pelo pensamento divino, sendo conduzida pela sabedoria amorosa e sob a força e o impulso do mesmo Espírito Santo em todos e em cada um dos momentos da sua existência, ainda nos mais difíceis, dramáticos, obscuros e até confusos...!

Mas a Mãe Igreja é desconhecida na profundidade profunda e intrínseca da sua realidade pela maioria dos homens e inclusive por muitos dos seus filhos...:

Todos os homens, congregados pelo Espírito Santo em Jesus Cristo, o Unigênito Filho do único Deus verdadeiro, por meio da Maternidade universal de Maria, vivendo a vida da Família Divina em intimidade de lar e cumprindo a vontade do Pai de que sejamos uno como Ele, o Filho e o Espírito Santo são uno: esta é a realidade essencial e universal que Cristo deu à

sua esposa, a Igreja, compendiada e encerrada na ânfora preciosa, repleta e saturada de Divindade desta Santa Mãe.

A qual foi fundada por Cristo, o Messias anunciado desde o princípio dos tempos, prometido a Abraão, «Pai de todos os que crêem»⁸ e à sua descendência para sempre, e profetizado pelos santos Profetas; o descendente da estirpe de Davi, que nasceria de uma Virgem, a qual «conceberia e daria à luz um Filho, ao qual chamaria “Emanuel, Deus conosco”»⁹, como cumprimento das palavras de Iahweh: «Davi, o meu servo, será o seu príncipe para sempre. Minha morada estará junto deles. Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo»¹⁰.

Pelo que a Santa Mãe Igreja foi fundada por Cristo e encomendada por Ele aos seus Apóstolos, para que todos os homens, sem exceção de classes, raças, nem condição, vivessem a vida divina, dando o seu verdadeiro sentido e orientação a todos os problemas espirituais, temporais, humanos e materiais; e para que esta vida divina a vivessem em comunhão de bens, unidos e participando, em intimidade de lar, no gozo do Pai, do Filho e do Espírito Santo; aqui em fé na noite da vida e, passado este peregrinar, em luz gloriosa, luminosa e resplandecente de Eternidade.

A Igreja é um mistério de unidade. Por isso está regida pelo Espírito Santo, que é o amor

⁸ Rm 4, 16c.

⁹ Cf. Is 7, 14.

¹⁰ Ez 37, 25. 27.

do Pai e do Filho no seu mistério de união trinitária, e o Paráclito enviado por Cristo para unir todos os homens com Deus, e todos os homens entre si com Deus.

O Espírito Santo é também o Amor que impulsiona o Pai e o Filho a unir-se conosco.

–Senhor, ajuda-me a expressar algo do que com tanta luz vi e segue-se imprimindo na alma, para a clarificação de quanto me pedes que manifeste cada vez que me mostras as tuas verdades; que, na minha missão de Eco, pelos meus cantares acesos de amor a Deus, a Cristo, à Maria e à minha Mãe Igreja, hei de comunicar–.

Que claro vejo como o homem foi criado por Deus à sua imagem e semelhança só e exclusivamente para possuí-lo, e por sua vez para possuir também toda a criação, assenhoreando-se como rei e dominador de toda ela:

«Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus Ele o criou: homem e mulher os criou. Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a!, dominai... sobre todos os animais que se movem sobre a terra”»¹¹.

Deus fez o homem corpo e alma; portanto com capacidades de plenitudes insuspeitáveis. Tanto que, na sua parte espiritual só é capaz de saciar-se com a posse do mesmo Infinito,

¹¹ Gn 1, 27-28.

vivida e participada com Ele em intimidade de família:

«Vede que prova de amor nos deu o Pai: que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos... Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é»¹².

E, na sua parte humana a criatura racional tem também tal exigência de plenitude que, só com a posse perfeita da criação, ficará saciada.

O homem é a grande maravilha da criação, o rei de toda ela, o possuidor de todas as suas riquezas, numa posse perfeita e acabada. Está criado para possuir, que é dominar mediante os dons do Espírito Santo; e até que não realize todas as suas exigências, não é feliz, porque não se pode ser feliz necessitando mais do que se possui.

Nossa capacidade de possuir a criação é tão grande como toda ela. E por isso, só na medida em que a vamos descobrindo, conhecendo, possuindo e penetrando –já que penetrar é possuir a ciência, em sabedoria amorosa, da mesma criação, realizada à imagem das perfeições e atributos do Infinito Ser–; seremos felizes.

A nossa necessidade de possuir as coisas, não é só tê-las, mas tê-las entendidas, penetradas, intuídas e abrangidas, de forma que seja-

¹² 1 Jo 3, 1-2.

mos capazes de dar-lhes o seu verdadeiro e autêntico sentido; e tudo isso com a segurança de não as poder perder. Nisso consiste a nossa felicidade com relação às coisas criadas.

Deus fez-nos corpo e alma. Com o corpo vivemos dos sentidos materiais, e com a alma, dos espirituais; e na medida em que realizemos a nossa dupla faceta espiritual e corporal, sob a orientação e equilíbrio do espírito com a posse de todas as coisas, saciaremos em plenitude as nossas capacidades e seremos felizes.

Se não vivemos do espírito, somos homens anormais, que não chegamos a ser o complemento total do que somos; já que a alma do homem geme, como o cervo sedento, pelas águas refrigerantes da felicidade, que só na posse do gozo de Deus «se saciará ao contemplá-lo na luz da sua face»¹³.

Deus é o Espírito infinito, perfeito e eterno, por isso invisível para os nossos olhos carnis, capazes de captar só as coisas corpóreas. Pelo que se quero conhecer a Deus, não devo intentar humanizá-lo, a Ele que é só espírito, mas espiritualizar-me eu que sou espírito e carne.

Deus se fez Homem, para que o homem entendesse através da sua Humanidade; mas este ficou só nela e por isso não o conheceu:

¹³ Sl 16, 15.

«Se não acreditais quando vos falo das coisas da terra, como acreditareis quando vos falar das coisas do Céu?»¹⁴. «... A Luz veio ao mundo mas os homens preferiram as trevas à Luz, porque as suas ações eram más»¹⁵.

Também os sentidos corporais estão famintos na necessidade da posse completa da criação que o Eterno fez para o louvor da sua glória e para o gozo do homem a quem está submetida para a sua posse.

Mas, só sob o equilíbrio do espírito e da sua orientação, seremos capazes de viver em perfeição a totalidade do nosso ser, mediante o nosso atuar sob a luz e o influxo do pensamento divino; e só assim seremos felizes, já que a felicidade consiste em ter realizadas todas as exigências impostas pelo Criador no nosso ser.

A felicidade é a satisfação de todas as exigências das nossas capacidades. Quando o homem chega a possuir Deus e todas as coisas segundo Deus, então, e só então, é feliz.

E o homem, criado pelo Infinito com exigências de ser, de possuir, de fartura, de plenitude, de felicidade e de vida, está rasgado. Porque, ao não viver no enfoque verdadeiro da sua perfeição, anda vazio, desordenado, amargurado e, a maioria das vezes, num desequilíbrio total; já que só conseguirá a sua felicida-

¹⁴ Jo 3, 12.

¹⁵ Jo 3, 19.

de na medida em que dê sentido à sua existência tal qual é, segundo o pensamento de quem o criou.

Mas o homem, que é corpo e alma, a maioria das vezes confundiu-se. Vive para o material, busca a solução de todos os problemas através dos sentidos, quer realizar a sua existência de um modo irracional; e então, ao ter perdido o seu verdadeiro sentido e razão de ser, perdeu a felicidade.

Assim, criado para a luz, caminha na obscuridade e «em trevas e sombras de morte»; feito para o amor, vive do ódio; com necessidade quase infinita de justiça e verdade, está na confusão; necessitando e ansiando a paz –que só no equilíbrio dos planos de Deus cumpridos sobre nós se encontra–, vive no desenfreio da discórdia que nos tira a paz, nos leva à luta de uns contra outros, e à própria destruição.

E nesta situação de derrota, busca a solução do problema só por meio das capacidades materiais, esquecendo que é corpo e alma; e, portanto, que só vivendo ele e fazendo viver a quantos o rodeiam no complemento perfeito e acabado do que é, poderá dar-se sentido a si e aos demais.

Um homem que só vivesse do espírito, não seria um homem perfeito; e muito menos o que vive só do material. A perfeição do seu ser consiste em viver o que é e como o é, realizando-se a si mesmo e aos demais nas capacidades inatas que possui.

Por isso, ao não viver como é, está desconcertado e vai desconcertando quantos o rodeiam; e só quando consiga centrar-se no equilíbrio perfeito do seu ser para dentro e do seu agir para fora, dará o verdadeiro sentido e a razão de ser à sua existência.

Deus criou-nos para viver com Ele em intimidade de família, e para que, ao viver em família com Ele, vivêssemos entre nós em família também, numa reunião de caridade, de justiça, de amor, de paz e de gozo, que nos proporciona o encaixamento perfeito do nosso ser e do nosso agir.

«Por essa razão eu dobro os joelhos diante do Pai –de quem toma o nome toda família no Céu e na terra–, para pedir-lhe que Ele conceda, segundo a riqueza da sua glória, que vós sejais fortalecidos em poder pelo seu Espírito no homem interior, que Cristo habite pela fé em vossos corações e que sejais arraigados e fundados no amor. Assim tereis condições para compreender com todos os santos qual é a largura e comprimento e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede a todo conhecimento, para que sejais plenificados com toda a plenitude de Deus»¹⁶.

O pecado original torceu a nossa mente, e com isso estamos confundidos e vivemos confusos, não sabendo como temos que viver nem

¹⁶ Ef 3, 14-19.

como temos que agir, e inclusive confundimos os demais.

Para restaurar-nos e dar-nos nosso verdadeiro sentido, «Deus se fez Homem e habitou entre nós»¹⁷.

Pelo que a Igreja, que é a prolongação em perpetuação perfeita e acabada de Cristo como Cabeça do seu Corpo Místico, vivente entre os homens pelo mistério da sua Encarnação, vida, morte e ressurreição gloriosa; é a que nos tem que orientar, dirigir e formar, sob a luz candente e cheia de infinita sabedoria amorosa do Espírito Santo, na nossa verdadeira personalidade; repletando-nos todos da felicidade da vida infinita que ela possui e encerra no seu seio, para no-la comunicar, na sua missão redentora, por meio dos Sacramentos e de todos os dons, frutos e carismas que Deus, desde o dia de Pentecostes, derramou sobre ela para que pudesse repletar a humanidade, como Mãe universal de todos os homens.

A Igreja é a encarregada por Deus de dar o seu verdadeiro sentido a todo o viver do homem. É ela a que, com Cristo «caminho, verdade e vida»¹⁸, na luz do Espírito Santo, tem que iluminar-nos; e, no amor deste mesmo Espírito, amar a todos, dando-lhes a verdadeira felicidade que só ela possui por vontade de Deus.

¹⁷ Cf. Jo 1, 14.

¹⁸ Cf. Jo 14, 6.

O homem não tem mais do que um sentido e uma razão essencial de ser: possuir Deus. Pois foi criado por Ele, para entrar a viver do seu gozo e dominar toda a criação, já que o mesmo Deus o constituiu rei dela desde o princípio.

E como a Igreja é a que recebeu por Cristo o dom da verdadeira interpretação divina e humana, é a que tem que dar a cada coisa o seu sentido, e ao homem o verdadeiro critério sobre cada uma delas.

Ao fazer-nos Deus possuidores da sua vida divina e dominadores da criação, pelo dom de sabedoria realizamos as nossas capacidades de posse com relação ao mesmo Deus; e pelo dom de ciência vamos possuindo a criação, vamos integrando-a em nós e adquirindo a felicidade. E pelos demais dons vamos conseguindo o nosso verdadeiro equilíbrio; os quais nos enchem dos frutos que o Espírito Santo comunica-nos na sua Igreja: caridade, gozo espiritual, paz...

A Igreja está em festa, porque tem em si a Felicidade eterna para fazer felizes todos os homens, unindo-os em Deus e entre si, e dando-lhes por Cristo, sua divina e real Cabeça, coroados de verdade, de justiça, de amor e de paz, a posse em comum de todos os bens que Deus entregou ao homem para a sua posse em perfeição.

A Igreja é a congregação e reunião dos homens de todos os tempos com Deus e entre si, eternamente.

União que, à imagem do subsistente, infinito e coeterno Ser na sua intercomunicação familiar de vida trinitária, começa na mente divina, nos planos eternos de Deus para nós, pelo impulso do Espírito Santo;

união que se realiza no tempo pela vontade do Pai, já que, pelo e no amor do Espírito Santo, o Verbo se fez Homem e habitou entre nós;

união que continua, na nossa peregrinação, por meio do Espírito Santo; e que se perpetua no Céu eternamente por meio do mesmo Espírito Santo.

Deus vive em comunhão familiar de unidade eterna, tão apertada, que só é uma Vida, um Ser, uma Subsistência eterna e infinita; tão una, tão una!, que, por perfeição unicíssima da sua realidade, é atividade de vida trinitária, vivida pelas três divinas Pessoas num só ato imutável de ser em intercomunicação de lar;

sendo o Espírito Santo quem une o Pai e o Filho no abraço eterno da sua caridade infinita, e, portanto, o unificador na vida de Deus, e dos homens na terra por meio da Igreja.

A Igreja é um mistério de unidade, de vida, congregando os homens na união da Família Divina; Família trinitária que é tanta união que, por perfeição da sua natureza divina, só é um Ser: o Ser subsistente, coeterno, infinito e trinitário.

A Igreja é una na união do Espírito Santo, e por isso tem que ser una em vida, una em critério, una em doutrina, una em vivência, una

em missão e una em comunicação de bens e em posse deles.

E para que seja una na unidade de Deus, o Espírito Santo ficou com o Papa e com os Bispos que, unidos ao Papa segundo o pensamento divino manifestado pelo Unigênito do Pai, têm o seu mesmo sentir e proclamam a unidade da Igreja na sua verdade com toda a sua verdade, na sua vida, missão e tragédia.

«Rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Advogado para que convosco permaneça para sempre... Quando, porém, vier o Espírito da verdade, Ele vos conduzirá à plena verdade»¹⁹.

«Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo; Eu, porém, orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça. Quando, porém te converteres, confirma teus irmãos»²⁰.

Podendo dizer eles com o Apóstolo em todo o sentido da palavra: «Eu vivo, mas já não sou Eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim» e «Este crucificado»²¹;

cumprindo a missão gloriosa, missionária e universal que o mesmo Cristo encomendou-lhes quando enviou-os ao mundo inteiro para proclamar o Evangelho:

«Como Tu me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo. E, por eles, a mim mesmo me consagro para que sejam consagrados na verdade».

¹⁹ Jo 14, 16; 16, 13.

²¹ Gl 2, 20; 1 Cor 2, 2.

²⁰ Lc 22, 31-32.

«Quem vos recebe, a mim me recebe, e quem me recebe, recebe ao que me enviou».

«Quem vos despreza, a mim despreza, e quem me despreza, despreza Aquele que me enviou»²².

A Igreja é para todos e para cada um; e todos e cada um necessita repletar de Divindade como se fosse o único, dando-lhes o seu sentido sobrenatural e humano. Para isso Jesus Cristo ficou nela e se nos dá por meio da Liturgia, especialmente na Eucaristia, para ser tudo para todos e cada um dos homens, dando-se ao mesmo tempo e da mesma maneira em alimento a todos e a cada um...

«Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue tem a vida eterna e Eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha Carne é verdadeira comida e o meu Sangue, verdadeira bebida. Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em mim e Eu nele»²³.

Que rica é a Igreja, que é a depositária do mistério divino e a encarregada de comunicá-lo aos homens de todos os tempos com coração de Pai, expressão de Verbo, sob o amor, a brisa e o impulso do Espírito Santo...!

Que rica é a Igreja, que tem no seu seio o Pai, o Filho e o Espírito Santo vivendo a sua

²² Jo 17, 18-19; Mt 10, 40; Lc 10, 16.

²³ Jo 6, 54-56.

vida de intercomunicação familiar para si e, através da Igreja, vivendo-a e realizando-a para nós! «Assim como o Pai, que vive, me enviou e Eu vivo pelo Pai, também aquele que comer de mim viverá por mim»²⁴.

Que rica é a Igreja, que nela, por ela e através dela, o Pai diz a sua Palavra aos homens, o Verbo, num romance de amor, soletra-lhes a sua vida em canção num dizer que é agir, e o Espírito Santo congrega-os para que vivam em intimidade de lar entre si e com a Família Divina...!

É o Espírito Santo quem, na perfeição infinita do seu ser, tem unidos na sua caridade eterna o Pai e o Filho em unidade de vida amorosa e infinita; e, como conseqüência, o que, ao querer pôr-se Deus em contato com os homens, por meio da Igreja congrega-nos, reúne-nos e associa-nos numa unidade de felicidade com o mesmo Deus; fazendo que, o que Deus mesmo tem por natureza, nós o vivamos aqui por graça e no amanhã da Eternidade no júbilo do seu gozo infinito e eterno na luz gloriosa dos Bem-aventurados...

É o Espírito Santo o Amor que, no seio da Igreja, une-nos ao Pai e ao Filho, e quem, ao unir-nos com o Pai e com o Filho, une todos os homens entre si: «Pai justo..., Eu lhes dei a conhecer o teu Nome... a fim de que o Amor com que me amaste esteja neles; e Eu neles!»²⁵.

²⁴ Jo 6, 57.

²⁵ Jo 17, 26.

Que missão tão grande a do Espírito Santo na vida de Deus, que sendo Ele o mesmo Deus, é a união que, por perfeição do seu ser eterno, como Pessoa divina tem abraçadas as divinas Pessoas na unidade da sua vida!

E é o Espírito Santo, pela sua personalidade divina, quem nos manifesta e nos faz viver, no seio da Igreja, a unidade e na unidade da mesma Família Divina, com Deus e entre nós.

Por isso, à maior união, maior perfeição, maior felicidade, maior comunicação com Deus e com os demais...

E a Igreja, que é a depositária de todos os dons recebidos do Altíssimo, derramando-se em misericórdia sobre a humanidade, e a encarregada por Cristo de dar a vida divina a todos os homens, pondo-nos em contato com o nosso Pai, clama, com o mesmo Cristo, dilacerada, insistente e amorosamente:

«Que todos sejam um como Tu, Pai, estás em mim e Eu em Ti, que eles sejam um em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam um, como nós somos um: Eu neles e Tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como Tu me amaste»²⁶;

para que se realize a vontade de Deus de que vivamos todos, unidos na intimidade da

²⁶ Jo 17, 21-23.

Família Divina, a unidade do seu ser, e por meio do Espírito Santo sejamos felizes no gozo de Deus:

«Pai, aqueles que me deste quero que, onde Eu estou, também eles estejam comigo, para que contemplem a minha glória, glória que me deste porque me amaste antes da criação do mundo»²⁷.

A Igreja é una. E para repartir a unidade apertada da sua vida e chegar a todos e a cada um, dispersou-se, não em pensamento, não em vida, não em critério, mas em missão apostólica, para estender-se por todo o mundo.

E ao dispersarem-se os Apóstolos, para esparzir e manifestar e fazer viver a unidade da vida da Igreja, formaram-se as comunidades cristãs, as primeiras dioceses, sob o amparo paternal e a guia de um dos Sucessores dos Apóstolos.

E depois, para difundir e repartir ainda mais essa vida, podendo mais facilmente chegar a todos, como os homens são muitos, formaram-se as paróquias. As quais têm a missão de ajudar o seu Bispo a comunicar a unidade apertada e riquíssima que o Espírito Santo quer fazer-nos viver, n'Ele mesmo, com o Pai e o Filho.

²⁷ Jo 17, 24.

A diocese é a parcela que cada Bispo tem para dar aos homens a vida de Deus; a todos e a cada um; em tal plenitude, que toda a riqueza da Igreja é para todos e para cada um.

Uma diocese perfeita tem que procurar atender as necessidades espirituais e materiais dos homens que a integram, e para isto conta com sacerdotes e leigos de toda classe e condição.

Todos têm que viver a vida de Deus na unidade do Espírito Santo; mas nem todos têm que fazer o mesmo, nem nas mesmas circunstâncias, modos e maneiras; mas que, dentro da mesma Igreja, diocese ou paróquia, cada membro vivo e vivificante do Corpo Místico de Cristo possui o seu dom específico dado por Deus, mediante o qual deve exercer o seu peculiar ministério; mas todos e cada um com a mesma obrigação e responsabilidade, segundo a sua própria vocação, cumprindo a sua missão no seio desta Santa Mãe com relação a Deus e aos homens.

O Bispo, como Pastor da comunidade diocesana, é o responsável pela caminhada dela toda, ajudando-se, para realizar quanto lhe está encomendado, pelos seus sacerdotes. Os quais, em contato próximo com os paroquianos, devem formá-los, fazendo-lhes tomar verdadeira consciência do seu cristianismo, para que cada um deles, segundo o dom recebido, exerça-o para a glória de Deus em serviço dos demais.

O sacerdote é na Igreja o encarregado por Deus de distribuir, por meio dos Sacramentos e

da pregação da palavra, os dons divinos, assim como de responsabilizar a cada um dos cristãos que o rodeiam, no seu trabalho apostólico. Sendo ele o homem chamado a viver para as coisas de Deus, já que Jesus escolheu-os com predileção eterna «para estar com Ele e enviá-los a pregar».

«Então abriu-lhes a mente para que entendessem as Escrituras, e disse-lhes: “Assim está escrito que o Messias devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu nome, fosse proclamada a conversão para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. Vós sois testemunhas disso”»²⁸.

Por meio das dioceses e das paróquias, a Igreja vai chegando a todos os homens; e para cumprirem a sua missão, têm que ser uma expressão perfeita de todo o viver e o sentir de Cristo, como membros do seu Corpo Místico. Por isso uma diocese e uma paróquia perfeita é a que vive mais plena e adaptadamente nos seus membros uma unidade completa de vida, de missão, de critério e de trabalho.

Têm que trabalhar todos unanimemente, mas cada qual cumprindo a sua missão, segundo o dom peculiar recebido do Espírito Santo; pon-do como fim essencial e, portanto, principal, o conhecimento de Deus e de seus mistérios que encerra o dogma riquíssimo da Mãe Igreja.

²⁸ Lc 24, 45-48.

Mas sem esquecer nunca que isto tem que levar, como fruto do contato com Deus que é caridade, que é união, que é santidade, a sentirmos impulsados pelo Espírito Santo, unificador na vida divina e humana, a preocupar-nos ativamente nos problemas sobrenaturais e humanos de todos e cada um dos membros da Igreja;

até conseguir o mais perfeitamente possível que sejamos uno como Deus é uno, em comunhão de bens espirituais e materiais, mas sem descuidar cada um o seu peculiar afazer.

E assim como sabemos que os bens de Deus são repartidos entre todos para utilidade comum do Povo Santo, a comunidade, repleta de bens, tem que procurar chegar a todas as necessidades espirituais e materiais, por meio dos sacerdotes, pessoas consagradas e leigos; cumprindo cada um a vocação que tem dentro da mesma Igreja.

Cada membro no Corpo Místico possui o seu próprio dom, dado por Deus, para exercer o seu específico ministério.

«Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos»²⁹.

E se, por falta de autêntica formação, critério sobrenatural, ou responsabilidade, cada um

²⁹ 1 Cor 12, 4-7.

não pusesse em função o seu próprio dom em comum união participativa com os demais, segundo os planos divinos, teria defraudado a Deus, à Igreja, e com ela a todos os homens e à sua própria alma.

E assim, exercendo cada membro o seu ministério, e pondo por obra o bem privado ou particular para o serviço da comunidade; no exercício comunitário entre sacerdotes, almas consagradas e leigos, pode-se chegar a todos sem exceção, em irradiação apostólica, extensão e ação espiritual, e, como consequência, em extensão e ação de caridade e justiça social ou comunitária.

E no transcorrer dos séculos, para ajudar a Igreja a cobrir as suas necessidades apostólicas e manifestar mais abundantemente a sua riqueza, a sua vida e a sua missão, fazendo-a mais expansiva, e levá-la a todos os homens, repletando-os com o seu afazer apostólico e missionário;

Deus suscita Fundadores, que surgem movidos, sob a caridade e o impulso do Espírito Santo, diante das necessidades espirituais e materiais de cada tempo e tudo o que o Povo cristão, cumprindo o mandamento do amor, necessita viver e manifestar em benefício de todos os membros do Corpo Místico de Cristo.

Como estas necessidades são muitas, muitas são e muito abundantes, também, muito ricas e muito formosas, as fundações suscitadas na

Igreja sob a luz da moção divina, para o exercício comunitário da caridade que nos faz uno no Espírito Santo;

pelo impulso da graça que recai sobre aqueles elegidos de Deus e inspirados pelo mesmo Espírito Santo, como um dardo divino no profundo do espírito, iluminando-os na sua luz e abrasando-os no seu fogo. [...]

Pelo que cada uma daquelas fundações que o Espírito Santo diretamente inspira –e não movidas pelo pensamento dos homens–, repletando-as dos dons e frutos do seu peculiar carisma, para encher as lacunas que as deficiências de muitos deixaram na Igreja ao não cumprir o seu fim; é como um raio luminoso do eflúvio do peito divino em caudais de amor cheio de compaixão e misericórdia com o homem, para a manifestação do esplendor da glória de Iahweh, cumprimento em expansão e em satisfação dos seus desígnios eternos, para o encaixamento dos homens nos planos divinos, e a perfeição e a santificação das almas.

E digo «aquelas fundações que o Espírito Santo diretamente inspira», porque durante todos os tempos surgiram na Igreja fundações com modos e doutrinas estranhas; como também «aparições» de diversas maneiras, às vezes tão duvidosas e até confusas, que, inclusive atraindo as multidões, tanto dano fizeram e seguem fazendo à Santa Mãe Igreja; confundindo as almas com a sua diversidade de maneiras es-

tranhas que, ao não serem de Deus, perturbam e às vezes até ridiculizam a missão gloriosa, majestosa, esplendorosa, divina e divinizante desta Santa Mãe, que caminha pelo desterro, como os Israelitas pelo deserto, sob a luz e ao amparo da sombra do Onipotente.

Sendo os Sucessores dos Apóstolos os que têm que discernir e separar o bom do mau espírito separando o trigo da cizânia; com a firmeza, o acerto e a segurança que o Espírito Santo dá aos que são elegidos e conduzidos por Ele «com mão forte e braço estendido»³⁰.

«Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor nenhum outro peso além destas coisas necessárias»³¹.

Pelo que se deve cuidar bem do rebanho encomendado por Deus a cada um; já que o Pai das luzes, ao tornar das bodas, pedir-nos-á estreita conta dos dons e talentos recebidos:

«Aos presbíteros que estão entre vós, exorto eu, que sou presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo e participante da glória que há de ser revelada. Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, cuidando dele, não como por coação, mas de livre vontade, como Deus o quer, nem por torpe ganância, mas por devoção, nem como senhores daqueles que vos couberam por sorte, mas, antes, como modelos do rebanho. Assim, quando apa-

³⁰ Sl 135, 12.

³¹ At 15, 28.

recer o Supremo Pastor, receberéis a coroa imarcescível da glória»³².

Também Deus quis sempre, no seu desígnio amoroso e infinito, na vida da Igreja com a sua missão apostólica e missionária, ter diante de si almas que, dedicadas totalmente à contemplação, vivessem orando «entre o pórtico e o altar»³³ e oferecessem a imolação das suas vidas no sacrifício cotidiano para louvor da glória divina e, pelo mistério da comunhão dos Santos, para a vitalização do Povo de Deus; exercendo o seu sacerdócio peculiar, como Maria, a qual, segundo as palavras de Jesus à Marta, «escolheu a melhor parte»³⁴; e como São João na Última Ceia que, reclinado no peito do Divino Mestre, penetrou na profundidade do «mistério oculto desde os séculos em Deus»³⁵. —já que «quem se apóia no peito de Cristo se faz pregador do divino»³⁶—;

cumprindo desta maneira, sob o impulso do Espírito Santo, a sua missão apostólica, universal e missionária.

E também todos os chamados diretamente à vida apostólica, têm que viver e trabalhar sempre sob o eflúvio do contato íntimo e prolongado com Deus, que nos faz viver a nossa filiação divina sendo testemunhas fiéis de Jesus Cristo no meio do mundo pela vida e a palavra, segundo a petição de Jesus: «Não peço que

³² 1 Pd 5, 1-4.

³³ Jl 2, 17.

³⁴ Lc 10, 42.

³⁵ Cf. Ef 3, 9.

³⁶ Evágrio Pôntico.

os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno»³⁷. [...]

Se todos procuramos no seio da Santa Mãe Igreja, como membros vivos e vivificantes do Corpo Místico de Cristo, exercer o nosso peculiar sacerdócio segundo o próprio carisma e o dom recebido do Alto –mas sempre em união e adesão ao Papa e aos demais Sucessores dos Apóstolos–, buscando primordialmente a glória de Deus e o serviço dos demais; não se dariam tantas deformações como há no seio da Santa Mãe Igreja: uns ficando à margem do que têm que fazer, outros fazendo o que não lhes corresponde, e a maioria sofrendo as conseqüências da nossa falta de formação, adaptação e responsabilidade cristã.

Pois, assim como Deus dá a sua vida a todos e a cada um, para que a vivam em união n'Ele e com Ele e, como conseqüência, em e com os demais, também deu-nos a terra para que a possuíssemos todos e cada um; gozando na felicidade que, o desfrute dos bens dados pelo infinito e coeterno Criador, a todos nos corresponde e nos proporciona.

Sendo o não realizar isto segundo o plano divino, uma terrível deformação e uma falta de caridade, que equivale à falta de posse do Espírito Santo em nossas vidas; o qual é o que

³⁷ Jo 17, 15.

ilumina, ilustra, impulsiona e une a todos no cumprimento perfeito dos planos divinos.

Por isso, tanto a diocese como a paróquia e as instituições religiosas, têm que promover a repartição, o mais adaptadamente possível, de bens espirituais e materiais, segundo as necessidades coletivas e particulares dos seus membros.

Procurando assim fazer felizes todos, enchendo-os da abundância espiritual e material da Casa do Pai Celestial, e levando-os ao contato íntimo com Deus e de uns com os outros, que não se conseguirá senão numa unidade de caridade em repartição justa de bens espirituais e materiais:

«Se alguém, possuindo os bens deste mundo, vê o seu irmão na necessidade e lhe fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavras nem de língua, mas por ações e em verdade»³⁸.

Cada membro do Corpo Místico de Cristo, no seio da Mãe Igreja, na diocese, na paróquia, e em tudo aquilo que o Espírito Santo, para benefício do Novo Povo de Deus, no transcorrer dos tempos vai inspirando e promovendo segundo as circunstâncias de cada momento, sob a aprovação e guia dos Sucessores dos Apóstolos; tem, dada por Cristo, a sua missão peculiar.

E assim como o leigo não está chamado por Deus para realizar o Sacrifício do Altar, perdoar

³⁸ 1 Jo 3, 17-18.

os pecados, distribuir os Sacramentos..., tampouco o sacerdote, pela sua vocação específica, é o chamado a colocar-se diretamente nas questões sociais; mas sim a formar os leigos e impulsioná-los para que se responsabilizem e resolvam com olhar sobrenatural e critério divino esses problemas sociais dentro da sua paróquia, dentro da diocese, dentro da sua comunidade e na Igreja; fazendo-o extensivo por ela ao mundo inteiro.

«Os Doze Apóstolos reuniram a multidão dos discípulos e disseram: “Não está certo que nós deixemos a pregação da Palavra de Deus para servir às mesas. Irmãos, é melhor que escolhais entre vós sete homens de boa fama, repletos do Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos dessa tarefa. Desse modo nós poderemos dedicar-nos inteiramente à oração e ao serviço da Palavra”»³⁹.

É tão importante o papel do leigo na Igreja, que, sem ele, esta não cumpriria plena e expansivamente a sua missão, segundo o pensamento divino.

Do mesmo modo que o sacerdote, o cristão tem que viver em família com Deus, conhecendo os segredos do Pai, mediante a recepção do Eterno por meio dos Sacramentos e dos seus tempos silenciosos de oração:

«Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância. Ora, a vida eterna é esta: que

³⁹ At 6, 2-4.

eles te conheçam a Ti, o Deus único e verdadeiro, e Aquele que enviaste, Jesus Cristo»⁴⁰.

Não creiamos que o leigo não necessita conhecer a Deus, vivê-lo e comunicá-lo. Ele, dentro da Igreja, tem um sacerdócio místico e universal, capaz de chegar a todos os homens de todos os tempos mediante a sua postura sacerdotal «entre o pórtico e o altar», recebendo o Infinito e comunicando-o, sendo testemunho no meio do mundo pela sua vida e pela sua palavra, como membro vivo e vivificante do Corpo Místico e testemunha fiel de Jesus Cristo, que na sua máxima manifestação de amor exclamou: «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos»⁴¹.

Sendo por sua vez o leigo o chamado por Deus, dentro do seio da Igreja, para exercer, assim mesmo, um ministério que replete os homens dos bens que, para as necessidades materiais, Deus pôs em toda a criação.

O leigo tem que responsabilizar-se ativamente, procurando, no que esteja da sua parte, cumprir o seu ministério com relação à criação; trabalhando para que se dê a cada um quanto necessite para cobrir folgadoamente as suas necessidades, na repartição perfeita dos bens da terra.

O leigo dentro do seio da Igreja, pelo seu sacerdócio místico, há de viver diante de Deus

⁴⁰ Jo 10, 10; 17, 3.

⁴¹ Jo 15, 13.

e diante dos homens, sendo tocha que ilumine com a sua vida, e acenda com a sua palavra, no coração dos homens, o fogo de Cristo: «Eu vim para lançar fogo sobre a terra, e como gostaria que já estivesse aceso!»⁴²;

e exercendo também ativamente um sacerdócio de justiça, de paz e de amor, única maneira de cumprir a missão que o Senhor encomendou-lhe, pelo cumprimento do dever segundo o seu próprio estado e profissão, e no lugar ou circunstância em que se encontre.

E assim, vivendo em comunicação com Deus e com os homens e sendo e fazendo-se uno no seio de Deus e desde o seio de Deus com o mesmo Deus e com os demais, é testemunho vivo e vivificante da Igreja no meio do mundo.

O leigo deve também aportar na Igreja os seus modos de ver, as suas sugestões apostólicas, mas submetendo-se com olhar sobrenatural aos que diretamente representam a Deus.

Os quais, por sua vez, têm que procurar conhecer o pensamento divino para comunicá-lo a eles, formá-los e conduzi-los segundo os planos eternos, com a missão e a responsabilidade de estudar os dons de Deus neles, a fim de aproveitar o bom espírito em favor dos demais e rechaçar o duvidoso ou daninho. «Quem não está comigo, está contra mim; e quem não recolhe comigo, dispersa»⁴³.

⁴² Lc 12, 49.

⁴³ Lc 11, 23.

Cumprindo a sua missão, o leigo, o mesmo que o sacerdote, a Igreja –por meio das dioceses, das paróquias e de todas aquelas formas ou maneiras de viver a perfeição do próprio estado que o Espírito Santo suscita dentro do Povo cristão– seria desta maneira o ideal que Cristo desejou na sua mente divina ao fundá-la.

Mas muitos dos que têm que reger o Povo cristão confundiram os seus caminhos, não vivem do Infinito, não gostam de orar, não sabem de unidade, de vida divina, não sabem de verdadeira caridade do Espírito Santo, e, portanto, da vontade de Deus na sua Igreja: «Muitos são chamados, mas poucos escolhidos»⁴⁴.

E com isso vivem confundidos e confundem aqueles que lhes estão encomendados, não lhes dando a autêntica orientação cristã de responsabilidade particular e comunitária.

Pelo qual, às vezes, a desordem, a confusão e o desconcerto envolvem os que nos rodeiam.

Há diversas classes de pastores desorientados, inclusive entre os Sucessores dos Apóstolos.

Uns que vivem sem dar-se conta da grande responsabilidade que têm, não só com Deus, mas também com os demais; de forma que saibam dar a cada cristão que lhes está encomendado o critério sobrenatural para os proble-

⁴⁴ Mt 22, 14.

mas espirituais e temporais, cumprindo a missão para a que foram ungidos.

Os fiéis em contato com estes sacerdotes, andam desorientados no meio de um mundo que lhes pede e exige a verdadeira orientação para solucionar toda classe de problemas; e ao não o compreenderem, se formam um critério equivocado do cristianismo e da própria santidade, pois crêem que, só no afastamento e fuga dos homens, pode-se encontrar Deus.

Chegando-se a considerar a perfeição ou santidade que Cristo nos exige —«deveis ser perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito»⁴⁵— como algo estranho, inclusive inadequado para vivê-lo no mundo, crendo que a perfeição cristã é somente para alguns que se sintam chamados a esse gênero de vida; renunciando, com isto, ao cumprimento completo dos planos de Deus sobre a sua própria alma e, portanto, da sua única, essencial, autêntica e verdadeira razão de ser;

esquecendo que somos Povo de Deus, «a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as excelências d'Aquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa»⁴⁶, que temos que viver no meio do mundo sendo templos vivos de Deus e morada do Altíssimo: «Se alguém me ama guardará minha Palavra e meu Pai o amará, e a ele viremos e nele estabeleceremos morada»⁴⁷.

⁴⁵ Mt 5, 48.

⁴⁶ 1 Pd 2, 9.

⁴⁷ Jo 14, 23.

Diante do qual, os leigos se fazem meros espectadores passivos dentro do Santo Povo de Deus; com o que a ação apostólica, riquíssima e universal da Mãe Igreja, a Nova e Celestial Jerusalém, «conforme prometera aos nossos Pais, em favor de Abraão, o Pai de todos os que crêem, e de sua descendência para sempre»⁴⁸, ficou desfigurada e até diminuída consideravelmente. [...]

Com isto o coração do homem, criado por Deus para possuí-lo e, portanto, com exigências de grandeza, plenitude e expansão, experimenta-se defraudado diante do exemplo raquítico que lhe oferecem esses sacerdotes, encarregados de dar-lhes o verdadeiro, amplo e universal sentido do cristianismo.

Pelo que, às vezes, os cristãos sob o seu cuidado pastoral vivem como endurecidos diante dos problemas dos demais, e despreocupam-se deles; chegando a parecer-lhes normal que os seus irmãos vivam na miséria e quase morram de fome, enquanto outros, como o rico epulão, esbanjam na abundância.

Sendo este um grande dano para a Mãe Igreja que, ficando desfigurada, fazemo-la aparecer diante dos demais como algo estranho e egoísta.

Há outros sacerdotes que parece que vivem só para o seu proveito pessoal, empregando quase todas as suas capacidades em buscar os

⁴⁸ Lc 1, 55; cf. Rm 4, 16.

primeiros lugares e em acumular o máximo número de cargos com as suas conseguintes remunerações econômicas; antepondo deste modo o seu proveito pessoal e glória humana à glória de Deus e ao bem das almas. Pobres deles!, já que «todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado»⁴⁹.

Estes são os pastores assalariados que se apascentam a si mesmos, ainda que aparentem, muitas vezes, sentir grande zelo pelas almas e pela Santa Mãe Igreja.

«Ai dos pastores de Israel, que se apascentam a si mesmos! Não são os pastores que devem apascentar as ovelhas? Vós vos alimentais com o seu leite, vestis a sua lã e matais os animais gordos, mas não apascentais as ovelhas. Não fortaleceste a ovelha fraca, não curastes a ovelha doente, nem enfaixastes a ovelha ferida. Não trouxestes de volta a ovelha extraviada, não procurastes a ovelha perdida. Ao contrário, dominastes sobre elas com dureza e brutalidade. As ovelhas dispersaram-se por falta de pastor, tornando-se presa de todos os animais selvagens»⁵⁰.

Desgraçadamente o dano que durante todos os tempos estes pastores fizeram à Esposa de Cristo, o Cordeiro Imaculado e sem mancha, é incalculável. Pois os homens, que na sua maioria vivem só para os bens da terra, não são capazes de ver neles a grandeza do Sacramento sacerdotal que os constitui em ministros de

⁴⁹ Lc 14, 11.

⁵⁰ Ez 34, 2-5.

Deus, distribuidores dos seus dons sagrados, intercessores diante da Santidade Infinita e servidores dos seus irmãos e do Senhor, ao qual voluntária e livremente consagraram-se para buscar a sua glória e a extensão do seu Reino.

Enquanto que outros sacerdotes, também desorientados, sem viver em comunicação com Deus, sem conhecê-lo, sem saber bem os critérios divinos e, portanto, sem assimilar a vida da Igreja, abandonando a sua peculiar missão por falta de visão sobrenatural, dedicam-se quase exclusivamente aos assuntos temporais; usurpando aos leigos a formosa responsabilidade que Deus lhes confiou no seio da Igreja.

Promovem diretamente, perdendo o verdadeiro sentido da sua vocação, todos os problemas econômicos, sociais, políticos, etc.;

pondo às vezes a quantos os rodeiam em alteração e mal-estar, numa despreocupação quase total de Deus, e fazendo do homem, criado para o Infinito, um ser completamente humano; esquecendo que o fim primordial e essencial do seu existir é viver de Deus e glorificá-lo; o qual nos criou só e exclusivamente para que o possuíssemos realizando todas as exigências e capacidades do nosso coração sedento de Deus: «Como a corça bramindo por águas correntes, assim minha alma está bramindo por Deus, pelo Deus vivo»⁵¹, que diante da excelência da sua

⁵¹ Sl 41, 2.

perfeição, ao conhecê-lo, faz-nos romper num Santo eterno em necessidade veementíssima de amá-lo, adorá-lo e glorificá-lo.

Mas a maioria das vezes a criatura racional, engolfada nas coisas da terra, margina Deus e até o menospreza, sem reconhecer que se deve dar «a Deus o que é de Deus e a César o que é de César»⁵²; antepondo os direitos humanos ao direito divino de quem é «Rei dos reis e Senhor dos senhores»⁵³ e tem em si a sua subsistência coeterna e a sua suficiência infinita; e a quem unicamente se deve toda honra e glória com o seu Unigênito Filho, Jesus Cristo, diante do qual «todo joelho se dobre no Céu, na terra e abaixo da terra, e toda língua proclame: Jesus Cristo é o Senhor para a glória de Deus Pai»⁵⁴.

Pelo que ao antepor o humano ao divino, os fiéis desorientam-se com o perigo de confundir os demais e inclusive até arrastar as massas e separá-las de Deus; pois o homem é espírito e carne, e, portanto, tem que viver a sua dupla faceta para realizar a perfeição completa e acabada da sua realidade.

Mas como a vida do espírito é mistério e só é apercebida pelos que com sincero coração, espírito simples e alma aberta, procuram Deus; diante desse plano de renovação humana, o homem, que normalmente vive dos sentidos, sente-se atraído; chegando a esquecer, inclusive pospor e menosprezar, na sua inconsciência e

⁵² Mc 12, 17.

⁵³ Ap 19, 16.

⁵⁴ Fl 2, 10-11.

falta de luz, as riquezas mais íntimas, profundas e sagradas do espírito, perdendo o seu verdadeiro sentido e razão de ser.

E assim como o primeiro sacerdote, de quem mais acima falava, confundia as almas e desfigurava a face formosa e resplandecente da Mãe Igreja por meio da sua vida raquítica, este último se faz perigoso para a mesma Igreja; chegando no seu atordoamento até a esbofetear a mesma Mãe da qual nasceu, aquela que o sustenta e a que o levará a gozar eternamente, se no final morre em graça, da grande dita que o ser Igreja Católica, Apostólica, cimentada na rocha de Pedro, proporciona-nos com a posse do Imenso Ser.

Estes pobres sacerdotes apresentam aos que os seguem uma Igreja completamente terrena e humana; chegando, na sua falta de visão sobrenatural e desatino, a rebuscar e a manifestar os defeitos que, ao transcorrer dos tempos, a multidão dos filhos da Igreja, por não a conhecerem, plasmamos no seu rosto, transbordante de divina formosura e de santidade, onde Deus se reflete como em espelho sem mancha.

E com isto confundem e arrastam as massas que, junto a ele, rebelam-se contra a Igreja, representada especialmente no Sucessor de São Pedro e nos demais Sucessores dos Apóstolos.

«Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro, me odiou a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas porque não

sois do mundo e minha escolha vos separou do mundo, o mundo, por isso, vos odeia»⁵⁵.

«Quando eras jovem, tu te cingias e andavas por onde querias; quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres»⁵⁶.

Para estes sacerdotes não há visão sobrenatural, não há obediência; não sabem de critério divino, são completamente humanos: «címalo que tine»⁵⁷ sem dar frutos de vida eterna para as almas.

E os pobres que caem no seu contato fazem-se como eles; buscando e rebuscando os defeitos da Igreja e dos seus Pastores.

Os quais têm, mantêm e comunicam o grande tesouro que Cristo encomendou aos seus Apóstolos; ainda que, como diz São Paulo, «trazemos este tesouro em vasos de argila»⁵⁸ que, em qualquer momento, algum deles se pode quebrar ou romper; e no transcorrer dos tempos, com a sua diversidade de costumes e modos pessoais, pode suceder o que o apóstolo São Paulo diz na sua carta aos Gálatas: «Quando vi que não andavam retamente segundo a verdade do Evangelho, eu disse a Cefas diante de todos: se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, por que forças os gentios a viverem como judeus?»⁵⁹.

⁵⁵ Jo 15, 18-19.

⁵⁷ 1 Cor 13, 1.

⁵⁹ Gl 2, 14.

⁵⁶ Jo 21, 18.

⁵⁸ 2 Cor 4, 7.

Ficando sempre como baluarte e farol inextinguível da verdade as palavras de Jesus: «E vós, quem dizeis que Eu sou? Simão Pedro respondeu: Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo.

Respondendo, Jesus lhe disse: Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi um ser humano que te revelou isso, mas o meu Pai que está no Céu.

Também Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela»⁶⁰.

E assim a comunidade de todo o Colégio Apostólico, faz-se ânfora preciosa repleta de Divindade, para saturar todos os homens que de boa vontade queiram encontrar a verdade em toda a sua verdade, a paz e a justiça na verdadeira caridade.

Unido a tudo isto, hoje, como sempre, há também na Igreja membros de má vontade, «lobos disfarçados com pele de ovelha»⁶¹ e manso cordeiro que, «disfarçados de anjos de luz»⁶² e instigados pelos espíritos malignos, que andam soltos, trabalham e maquinam para dispersar o rebanho na tenebrosidade da noite que os envolve; e vão confundindo o Povo cristão com as suas astúcias diabólicas e as labaredas, só aparentemente luminosas, mas cegantes, da obscuridade dos seus corações entenebrecidos e das suas atuações torcidas; filtrando-se na

⁶⁰ Mt 16, 15-18.

⁶¹ Mt 7, 15.

⁶² 2 Cor 11, 14.

Igreja nos episcopados, no sacerdócio, seminários, o povo consagrado, e em todos aqueles modos e lugares onde eficazmente procura-se trabalhar para a glória de Deus e bem das almas –segundo manifestava um membro arrependido de uma seita diabólica– para desfigurá-la, fazendo-a rebentar desde dentro.

«Eu sei que, depois de minha partida, introduzir-se-ão entre vós lobos cruéis que não pouparão o rebanho, e que no meio de vós surgirão homens que farão discursos perversos com a finalidade de arrastar discípulos atrás de si»⁶³.

Pelo que o mesmo Jesus nos alertava:

«Deixai-os crescer juntos até a colheita. No tempo da colheita, direi aos ceifeiros: Arrancai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; em seguida, recolhei o trigo no meu celeiro»⁶⁴.

Os inimigos da Igreja tramam, na noite da confusão asfixiante que nos envolve, cheia de humanismo e terríveis e abomináveis concupiscências, toda classe de maquinações confusas e diabólicas, para denigrar esta Santa Mãe, saturada de santidade e sublime e divina formosura e, com ela, os eleitos de Deus e aqueles que a representam –«Não toqueis os meus ungidos, não façais mal aos meus Profetas»⁶⁵–; sem saber que Aquele que É está fortemente irado e aceso de zelos pela sua esposa, a Igreja.

⁶³ At 20, 29-30.

⁶⁴ Mt 13, 30.

⁶⁵ Sl 104, 15.

Enquanto que cada homem passa veloz pelo dramático peregrinar desta vida; para chegar ao fim do encontro com o Eterno, os que «lavraram suas vestes no Sangue do Unigênito de Deus»⁶⁶, feito homem por amor, e «estão marcados nas suas frentes com o selo de Deus e do Cordeiro, que tira os pecados do mundo»⁶⁷. «Não tenhais medo, pequenino rebanho, pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino!»⁶⁸.

Enquanto que os que, obstinadamente, se rebelam contra o Infinito Criador e os seus planos eternos, caem, como de surpresa, para sempre, com a rapidez de um raio, no Abismo insondável da perdição, «onde o fogo não se extingue, entre choro e ranger de dentes»⁶⁹.

Que grande necessidade temos de pastores e sacerdotes santos que saibam dar-nos a cada um o critério sobrenatural que oriente o viver de cada cristão para que possamos cumprir a vontade de Deus, individual e coletivamente, no seio da Igreja, da diocese, das paróquias e diversidade de comunidades; fazendo-se extensivo a todos os homens pela missão universal que Cristo deu à sua Igreja, sob a vontade do Pai e o impulso e o amor do Espírito Santo!

Pois, a maioria das vezes, o povo consagrado não sabe fazer viver aos cristãos, mediante a sua vocação, missão e postura sacerdotal, a

⁶⁶ Cf. Ap 7, 14.

⁶⁸ Lc 12, 32.

⁶⁷ Cf. Ap 14, 1; Jo 1, 29.

⁶⁹ Mc 9, 48; Mt 13, 42.

verdadeira vida com relação a Deus e aos homens...

E tudo porque perderam o contato íntimo e familiar com o Espírito Santo, santificador, iluminador e impulsionador da vida eclesial.

Ao não viver d'Ele, tampouco vivem do Pai e do Filho; como conseqüência, não conhecem o pensamento divino, não podem comunicá-lo nem expressá-lo com o Verbo, e a ação do mesmo Espírito Santo neles é praticamente nula.

Por isso, fazem-se fanfarrões, alteradores da ordem, e até egoístas, desconcertando e desorientando os fiéis, da verdadeira realidade profunda e funda de membros vivos do Corpo Místico de Cristo, que todos temos que viver;

chegando a converter-se muitos deles, «escolhidos por Jesus para que ficassem com Ele, e para enviá-los a pregar», em «pedra de escândalo»⁷⁰ e ruína das almas; conduzindo-as por caminhos extraviados com pés torcidos;

desfigurando o dogma riquíssimo da Santa Mãe Igreja, que se deve manifestar em sabedoria amorosa a todos, «no tempo oportuno e no inoportuno»⁷¹ —«todo aquele, portanto, que se declarar por mim diante dos homens, também eu me declararei por ele diante de meu pai que está nos Céus. Aquele, porém, que me renegar diante dos homens, também o renegarei diante de meu Pai que está nos Céus»⁷²— sob a

⁷⁰ Mc 3, 14-15; 1 Pd 2, 8. ⁷² Mt 10, 32-33.

⁷¹ 2 Tm 4, 2.

intimidade, o impulso e a força irresistível e incontida do Espírito Santo, para que «a terra fique cheia do conhecimento de Iahweh, como as águas enchem o mar»⁷³.

No seio da Santa Mãe Igreja, e no transcorrer dos séculos, introduziram-se ou filtraram-se grandes e diversas deformações; já que, ao ser tão divina por Cristo, a sua real Cabeça, «Rei dos reis e Senhor dos senhores», como humana pelos seus membros, na sua parte humana está sempre exposta a divergências, ainda que no acidental.

Pelo que há épocas em que se manifesta mais o esplendor da sua realidade divina e divinizante, a formosura do seu rosto, a esplendidez da sua juventude sempre antiga e sempre nova, a realeza da sua Cabeça e a fortaleza dos seus membros.

E outras nas que, diante da apresentação asfixiante e sufocante das deformações de muitos dos seus filhos, especialmente daqueles que a têm que pastorear, e do povo consagrado;

os quais tão desolada e apavoradamente a desfiguram, desencaixados dos planos coeternos de Deus, que se nos desbordam, em deramamento, desde o Seio do Pai, por Cristo e no impulso, na força e no arrulho infinito do Espírito Santo, sob a Maternidade universal de Maria, Mãe do Amor formoso, por e na ânfora

⁷³ Is 11, 9.

preciosa da Santa Mãe Igreja, repleta de santidade e divina formosura;

esta aparece, como Cristo em Getsêmani, prostrada no chão e chorosa, ofegante e encurvada, segundo o Senhor me mostrou no dia 6 de janeiro de 1970.

Apresentando-a às vezes tão desolada que, como sua divina e real Cabeça, «nem figura humana tem», diante do ultraje dos que a maltratam e intentam deformá-la, cuspiendo no seu divino rosto; e, ao não a conhecerem bem, para eles é o mesmo que seja divina ou humana, santa ou pecadora; e chegam, na loucura da sua insensatez, até, menosprezando-a, a abandoná-la.

Sendo ela, como o Senhor também me fez ver no dia 23 de janeiro de 1971, qual «torre fortificada»!, inalterável!, invencível!, terrivelmente imensa!, por cima de toda a criação! Tão formosa que era capaz de enlouquecer o mesmo Deus de amor pela «formosura da sua face»⁷⁴, o manancial da sua vida, a sua missão esplendorosa, a sua dor sangrenta e a sua repleção de Divindade; deslizando-se desde a sua divina e real Cabeça, por todo o seu Corpo Místico, empapando-o «como um óleo perfumado na cabeça, que escorre e vai descendo até à barba; até à barba de Aarão, e vai chegando até à orla do seu manto»⁷⁵.

Pelo que há momentos de verdadeira tragédia para a Mãe Igreja.

⁷⁴ Ct 2, 14.

⁷⁵ Sl 132, 2.

A Igreja é rica, santa, formosa com a mesma santidade e formosura divina que a engalana e enobrece; una, como Deus é uno na sua Trindade de Pessoas; Católica e Apostólica, que, cimentada na Rocha de Pedro, nos manifesta e nos dá a vida divina; cheia de verdade, de justiça e de paz, de amor e caridade, de riqueza, de igualdade; repleta, numa palavra, de maternidade universal.

Quer a todos os seus filhos iguais e, portanto, necessita repartir a todos eles a sua herança riquíssima, cheia dos dons divinos que Cristo depositou no seu seio para encher e repletar todos os homens de Divindade: todos os que venham viver bebendo dos afluentes que brotam do seu lado aberto:

«Se alguém tem sede, venha a mim e beba e Eu darei gratuitamente da fonte de água viva». Mas «eles me abandonaram, a Fonte de água viva, para cavar para si cisternas, cisternas furadas»⁷⁶.

E para manifestar todo este rejuvenescimento da face formosa da Igreja, surge o Concílio Vaticano II, transbordante de plenitude e sabedoria, de justiça, verdade e amor; inspirado por Deus a João XXIII, «acolhendo –segundo ele mesmo manifestava aos 25 de janeiro de 1959– como vinda do Alto, uma voz íntima de nosso espírito».

⁷⁶ Jo 7, 37; Ap 21, 6; Jr 2, 13.

O Concílio vem –segundo palavras de Paulo VI no Discurso de abertura da Segunda Sessão, de 29 de setembro de 1963– para:

«O conhecimento, ou, se se preferir, a consciência da Igreja; a sua reforma; a recondução de todos os cristãos à unidade; e o diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo».

«E Nós julgamos que neste Concílio o Espírito de verdade iluminará o corpo docente da Igreja, sobre a doutrina relativa à sua própria essência, como se a Esposa de Cristo n'Ele se espelhasse e n'Ele, com amor vivíssimo, quisesse descobrir a sua própria forma, aquela beleza que Ele quer que nela brilhe».

«Se alguma sombra, algum defeito, após tal confronto, aparecesse no rosto da Igreja, na sua veste nupcial, que deveria ela fazer instintivamente, corajosamente?

É bem claro: reformar-se, corrigir-se, fazer esforços no sentido de maior conformação com seu divino modelo, o que constitui o seu dever fundamental».

«Só depois desta obra de santificação interior, poderá a Igreja mostrar o seu rosto ao mundo inteiro, dizendo: “Quem me vê a mim, vê a Cristo”, assim como Cristo disse de si mesmo: “quem me vê a mim, vê também o Pai”⁷⁷».

«E há ainda um terceiro fim que interessa a este Concílio e constitui, em certo sentido, o

⁷⁷ Jo 14, 9.

seu drama espiritual..., e diz respeito “aos outros cristãos”..., aos que não temos ainda a alegria de ver conosco unidos na perfeita unidade de Cristo.

Unidade que só a Igreja Católica lhes pode oferecer..., união que pode conseguir-se apenas na identidade da fé, na participação dos mesmos Sacramentos e na harmonia orgânica dum único governo eclesiástico...».

«O olhar que lançamos sobre o mundo enche-Nos de imensa tristeza, por tantos outros males: o ateísmo invade parte da humanidade e arrasta consigo o desequilíbrio da ordem intelectual, moral e social, de que o mundo vai perdendo a verdadeira noção.

Enquanto crescem as luzes da ciência das coisas da natureza, infelizmente aqui e além se obscurece a ciência de Deus, e portanto a verdadeira ciência do homem. Enquanto o progresso aperfeiçoa admiravelmente os instrumentos de toda a espécie de que o homem dispõe, o coração do homem declina para o vácuo, para a tristeza, para o desespero».

Mas, filhos da Santa Mãe Igreja, a Jerusalém Universal e Celeste, fundada por Cristo e encomendada aos seus Apóstolos; o Povo Santo de Deus está envolvido por uma densa e asfixiante nuvem de confusão cheia de obscuridade que nos penetra por todas as partes, já que segundo as palavras também Paulo VI, «a

fumaça de Satanás entrou por alguma brecha no Templo de Deus»⁷⁸.

Pelo que, para dar o seu verdadeiro sentido e autêntica orientação aos homens, surgiu o Concílio Vaticano II, com a grande missão de desentranhar, reaquecer e reavivar o nosso dogma riquíssimo, no-lo dando esmiuçado em sabedoria amorosa; e fazendo como uma revolução cristã dentro do seio da Igreja, segundo a minha alma expressava-o sob a luz do pensamento divino e a moção do Espírito Santo, no dia 21 de março de 1959.

E assim, apresentando ao mundo o verdadeiro rosto da Mãe Igreja, que aparecia antiga e envelhecida pelos nossos pecados e deformações;

todos os homens viessem ao seu seio a viver e a beber até embriagar-se da sua plenitude de verdade, de vida, de amor e de justiça;

e inclusive retornaram os irmãos separados que foram embora da Casa paterna por não a conhecerem bem, e, desorientados, foram para outros apriscos, «extraviados atrás dos rebanhos dos seus companheiros»⁷⁹ diante da desfiguração e caricatura que dela fizemos.

Surge o Concílio com a ânsia de fazer viver mais profunda e adaptadamente a Liturgia, de chegar a todas as partes, de colocar-se em to-

⁷⁸ Paulo VI, *Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo*, 29-6-1972.

⁷⁹ Cf. Ct 1, 7.

dos os ambientes, de reformar costumes acidentais externos;

numa palavra, de rejuvenescer a face formosíssima, riquíssima e resplandecente da Igreja, cheia da formosura e sapiencial sabedoria com que Cristo engalanou-a e repletou-a no dia das suas Bodas eternas, depositando e perpetuando nela todo o mistério profundo da sua vida, morte e ressurreição gloriosa.

Para que assim a Igreja faça-nos viver a missão essencial que o Unigênito de Deus, feito Homem, depositou no seu seio de Mãe.

Pelo que o Concílio vem para apresentá-la tal qual é, de forma que os homens, ao olhá-la, vejam o rosto de Deus nela;

«para fortalecer as mãos abatidas e revigorar os joelhos cambaleantes»⁸⁰, esclarecendo a verdade em toda a sua verdade, que a Santa Mãe Igreja contém nas suas ânforas divinas e divinizantes;

para vitalizar e repletar todos os homens com a mesma vida divina que Cristo nos trouxe e manifestou pela vontade do Pai, sob a força e o impulso do Espírito Santo.

Mas, como anteriormente indicava, ao apresentar o que é a verdadeira vida da Igreja com a sua missão gloriosa e santificante, aparecem patentemente as deformações que no seu seio, ao transcorrer dos tempos, a maioria dos seus filhos formaram.

⁸⁰ Is 35, 3.

E então, em vez de alegrar-nos e unir-nos ao Papa e aos Bispos para ajudá-los nesta autêntica renovação, a soberba revela-se –ó terrível pecado pelo qual Lúcifer, voltando-se contra Deus lhe disse: «Não te servirei»⁸¹, abrindo-se, como conseqüência, o Abismo insondável da perdição para ele e para todos os seus seguidores– e, como Lúcifer, os homens cegam-se...!;

e ao descobrir a Igreja carregada com as misérias dos seus filhos e encurvada com tanto peso, voltam-se contra ela, e uma vez mais a esbofeteiam, cuspidos no seu divino rosto e até menosprezando-a.

Não querem reconhecer com humildade, por falta de luz e amor, por uma parte, a riqueza, a formosura e a missão da Esposa do Cordeiro que, depois das suas noites fechadas de Getsêmani, fala-nos com «Cristo e Este crucificado»⁸²;

ao mesmo tempo que a carga que leva sobre si pelas nossas próprias misérias, pecados e rebeliões, como a dos nossos Primeiros Pais no Paraíso terrestre, com a conseqüência funesta da ruptura dos planos eternos de Deus; o qual nos «criou à sua imagem e semelhança»⁸³ só e exclusivamente para que o possuíssemos, enchendo todas as nossas capacidades com a posse em participação do desfrute gloriosíssimo e ditosíssimo da sua mesma vida divina, entrando nas bodas eternas de Cristo com a sua Igreja.

⁸¹ Jr 2, 20.

⁸² 1 Cor 2, 2.

⁸³ Cf. Gn 1, 26.

Como em todas as renovações, a Igreja examina-se a si mesma, e vai estudando prudentemente as maneiras de levar a cabo a própria reforma que, na sua parte humana, considera necessária.

E guiada pelo Espírito Santo, sob a sua orientação, prudência e equilíbrio, atendo-se às circunstâncias e mentalidade de todos os seus filhos; para não defraudar uns e turbar outros, vai a seu devido tempo, pausada e prudentemente, mediante a apresentação em sabedoria amorosa do seu dogma riquíssimo, manifestando a vontade de Deus que Ele, através do Concílio, quer ir-nos mostrando.

Mas a maioria dos cristãos, pela sua falta de equilíbrio, andam desconcertados.

Uns querem ir demasiado depressa, enquanto que outros resistem em aceitar a mudança de critério que a Igreja necessita em cada momento; sem ajustar-se, pelas duas partes, ao passo mesurado, sapientíssimo e prudente da Santa Mãe Igreja.

Fazendo-a andar no seu caminhar com grande dificuldade e solidão diante da sua determinação de aperfeiçoamento e renovação; sendo incompreendida pela maioria dos seus filhos, já que a diversidade de critérios cria a confusão, cheia de perturbação e discórdia: «Os pensamentos dos homens, que são apenas um sopro», a vida do homem é «como a palha que o vento dispersa»⁸⁴.

⁸⁴ Sl 93, 11; 1, 4.

Enquanto o inimigo esfrega as mãos com a desorientação, desunião e desencaixamento de muitos dos membros do Corpo Místico de Cristo; a Igreja, nos seus propósitos de renovação, necessita como nunca ser compreendida, conhecida e amada, vivida e manifestada no seu mistério infinito de verdade, de justiça, de paz e de amor; que se nos comunica por meio do Sucessor de Pedro e dos demais Sucessores dos Apóstolos que, em comunhão com ele, formam, perpetuando-o, o Colégio Apostólico e Episcopal.

Muitos dos quais recebem em si a incompreensão e o desprezo dos cristãos, que, ao perder a visão sobrenatural, revolvem-se contra eles; afastando-se deste modo da verdadeira e autêntica harmonia que nos pede a unidade da Igreja no mistério da sua vida, missão e tragédia; perdendo ao mesmo tempo a intimidade e a amizade com Deus. [...]

A Igreja é Santa, é Una e é Apostólica; que, sob a Sé de Pedro, tem que viver e manifestar a sua autêntica realidade, tão divina e transcendente, como criada e humana.

É Santa porque o mesmo Deus mora nela, é a sua Cabeça, e comunica-lhe o mistério da sua vida, da sua missão universal e da sua santidade, que se nos dá mediante os Sacramentos e os dons, frutos e carismas do Espírito Santo; impulsionando-nos a viver de Deus e manifestá-lo aos homens de todo povo, raça e nação: «Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho

a toda criatura, a todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo... Quem crer e for batizado será salvo. Quem não crer será condenado. Eis que Eu estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo»⁸⁵.

A Igreja é Santa porque é a congregação em reunião de todos os homens, por Jesus Cristo no seio de Maria, vivendo com o Pai e o Espírito Santo a sua filiação divina.

É Una, e tem que manter-se una na unidade dos seus membros, à imagem e reflexo do mesmo Deus, que é uno na sua Trindade de Pessoas.

E, para que fosse una, Cristo, que é a sua Cabeça, a fez seu Corpo Místico na diversidade e união dos seus membros, como o Pai e o Filho são uno, e estão uns nos outros congregados e abraçados no amor do Espírito Santo: [...]

As divinas Pessoas são e têm uma só vida, um só ser, sido e possuído por cada uma em si mesma e nas outras divinas Pessoas, nas suas relações e pelas suas relações, num ato imutável de abrangência infinitamente simplicíssimo e consubstancialmente divino.

Pelo que Deus é tão uno no seu ser como trino nas suas Pessoas; *sendo-se* umas nas outras e estando-se umas nas outras sendo o que são e fazendo o que fazem no seu ato simplicíssimo de imutabilidade divina.

⁸⁵ Mc 16, 15-16; Mt 28, 19-20.

Deus é um mistério de unidade e quer que todos sejamos uno como Ele mesmo, segundo as Palavras de Jesus: «Que todos sejam um, como Tu, Pai, em mim e Eu em Ti... que sejam um, como nós somos um.

Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lho darei a conhecer, a fim de que o Amor com que me amaste esteja neles, e Eu neles!»⁸⁶.

Já que «quando vier o Espírito da verdade, Ele vos conduzirá à verdade plena»⁸⁷.

A Família Divina quer dizer-se, num dito que é atuar amorosamente a sua vida, para os homens.

O Pai no-la diz pela sua consubstancial Palavra em cântico de amor eterno no seio da Virgem, que «daria à luz um filho, o descendente da estirpe de Davi, ao qual poria o nome de “Emanuel, Deus conosco”»⁸⁸, sob o arrulho amoroso e infinito do Espírito Santo, que mediante o mistério da Encarnação, a faz romper em Maternidade divina de tal forma que o Verbo se fez Homem e habitou entre nós.

O Filho, que é a Palavra do Pai em Explicação, lança-se ao seio de Maria, unindo-se hipostaticamente em desponsório eterno e indissolúvel a uma humanidade que n’Ele, por Ele e para Ele, foi criada à imagem da sua infinita perfeição.

⁸⁶ Jo 17, 21-22. 26.

⁸⁸ Cf. Mt 1, 23; cf. Jr 33, 17.

⁸⁷ Jo 16, 13.

E em Maria e por Maria, cumprindo-se a vontade do Pai e no amor do Espírito Santo, a natureza humana e a natureza divina unem-se na pessoa do Verbo.

Assim atua-se a união de Deus e o Homem no seio de Maria, num romance de amor; mediante o qual o Verbo Infinito diz-nos a sua vida em canção divina e humana.

Mas, ao encarnar-se o Verbo em Maria, traz consigo o Pai e o Espírito Santo, já que o Verbo sempre mora no seio do Pai e na união do Espírito Santo.

E o Verbo Encarnado recolhe em si os homens de todos os tempos e os traz consigo ao seio de Maria; atuando-se na Senhora, em e pelo mistério da Encarnação, a união de todos os homens com Deus; começando então, ainda que em germe, a fundação da Igreja.

Já que a Igreja é a congregação e reunião de todos os homens, por Jesus Cristo, com o Pai e o Espírito Santo, no seio de Maria, sob a Maternidade divina e universal da Virgem, Mãe, Rainha e Senhora da Encarnação.

A Igreja é um mistério de unidade, já que Deus criou-nos todos para que vivêssemos d’Ele e com Ele, da sua mesma vida, e para que, enxertados em Cristo, como os sarmentos na videira, vivêssemos unidos também entre nós em comunicação de bens espirituais, e, como consequência, materiais.

Pelo que a Santa Mãe Igreja é a manifestação perene e perpétua desta vontade de Deus

aqui e depois na Eternidade. É mistério contínuo de unidade de vida, de critério e de bens.

E para que isto se mantenha e se perpetue segundo os desígnios eternos de Deus, o Espírito Santo, que é o amor e a união das divinas Pessoas na Família Divina, ficou na Igreja, com Cristo que continua a sua missão divina e redentora, e com o Pai que manifesta a sua vontade durante todos os tempos, por meio do Papa e dos Bispos que, em comunhão com o Sucessor de São Pedro, vivam e defendam a unidade e a verdade em toda a sua verdade, sempre antiga e sempre nova, que se encerra, se perpetua e se nos comunica em e desde a ânfora preciosa da Santa Mãe Igreja, repleta e saturada de Divindade.

Pelo que na medida em que os sacerdotes, o povo consagrado e os leigos, cumpram a sua missão em unidade de critério e em submissão aos que representam a Igreja; nessa medida a vontade de Deus manifestar-se-á e atuará em nós o mistério da sua vida pelo amor do Espírito Santo. «Onde há unidade e amor, ali está Deus»⁸⁹. [...]

E a Igreja, que é invencível, inalterável, imperturbável, santa, una, perpétua, quem recolheu a missão dos Apóstolos para continuá-la no tempo e perpetuá-la na Eternidade; é des-

⁸⁹ Antífona da «Ceia do Senhor».

conhecida, ultrajada pela maioria dos homens que, ao não conhecê-la bem, voltando-se contra ela, menosprezam-na e até maltratam-na; e por muitos dos seus mesmos filhos que, ao verem a tragédia em que se encontra pelos nossos próprios e inumeráveis pecados, rebelam-se contra ela.

Ó soberba da mente do homem, que queres antepor-te ao critério da Igreja, que queres acometer com as tuas pressas e violências a sua doutrina pacífica, pacificadora e unificadora...!

Pobrezinhos dos homens, e entre eles, às vezes, muitos dos seus, sacerdotes e membros do povo consagrado!, que pela sua pouca vida interior e, como conseqüência, a sua sobra de naturalismo, estão rebelando-se contra os seus mesmos princípios; atribuindo à Igreja Mãe, cheia de santidade, uma culpa que ela em si, por si não tem, mas que somos nós mesmos, que umas vezes pensando de uma maneira e outras pensando de outra, damos à Igreja uma fisionomia desconhecida, deformada, desconcertante e desfigurada. [...]

Pelo que é necessário, membros vivos do Corpo Místico de Cristo, que nos unamos numa unidade de vida, de critério e de apostolado. [...]

Pelo que temos que renunciar aos nossos modos pessoais todos os membros da Igreja; e cada um com o seu peculiar e próprio carisma, recebido pela vontade do Pai, a Palavra do Filho, sob o impulso e a força do Espírito Santo,

unirmo-nos ao Sucessor de São Pedro e aos nossos Bispos queridos; e, junto com eles, formar, em ajuda mútua e unicíssima, a grande família dos filhos de Deus no seio universal da Santa Mãe Igreja; procurando tender à maior unidade de critério na superabundância da diversidade de apostolados que abranja todos e encha e replete todo o Povo Santo de Deus.

Mas que ninguém que se sinta membro vivo e vivificante do Corpo Místico de Cristo fique à margem deste afazer. E todos estarão contentes, sentir-se-ão responsáveis e colaborarão com a Igreja, cumprindo a sua missão individual e coletiva. [...]

Pelo que é necessário que na Igreja universal, em cada diocese, cada paróquia, centro ou grupo apostólico procure-se solucionar os seus problemas cristãos de relação com Deus e com os homens, na diversidade de dons, carismas e modos de apostolado.

Façamos todos unidos, sendo uno como Deus é uno, o Povo de Deus em pequeno que se nutre, se fortalece, se alimenta e se ajuda entre si como uma verdadeira família.

E assim como a Família Divina, em diversidade de Pessoas, tem um só ser por perfeição da sua mesma natureza divina;

e assim como o Papa e os Bispos têm que estar unidos numa mesma doutrina, num mesmo espírito, numa mesma missão e numa ajuda mútua;

temos que unir-nos todos a eles para ser uno, como Deus é uno, e para formar com Cristo, por Ele e n'Ele, o mistério de unidade que é a Igreja, Corpo Místico de Cristo com todos os seus membros, cimentada na Rocha de Pedro e abrigada sob a sua Sede —«O que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo. E isto vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa»⁹⁰. [...]

E a Igreja aparecerá como é: Una, Santa, Católica e Apostólica, unida sob o cajado do Bom Pastor, que, como Cristo, «dá a vida pelas suas ovelhas»⁹¹;

Aparecerá formosa, repleta de Divindade e apetecível; de forma que os que a conheçam tal qual é, correrão a embriagar-se nos seus eternos mananciais, e as chamas de Iahweh penetrar-nosão na sua caridade eterna «porque como perfume derramado é o teu nome, por isso as virgens enamoram-se de ti, e são melhores que o vinho teus amores»⁹², unindo-nos através do Papa e dos Bispos com a Família Divina, formando neles «um só Rebanho e um só Pastor»⁹³.

E esta será a maneira de que venham todos os homens da terra a beber e a viver no grande banquete do Pai de Famílias, que se está celebrando no seio da Igreja peregrina; para

⁹⁰ 1 Jo 1, 3-4.

⁹¹ Jo 10, 15.

⁹² Ct 1, 2-3.

⁹³ Jo 10, 16.

reunir depois, como Igreja triunfante, todos os seus filhos no Festim divino e gloriosíssimo das bodas eternas de Cristo com a sua Esposa, a Nova e Celestial Jerusalém; onde viveremos eternamente, entoando, em união com todos os Bem-aventurados e Anjos de Deus, o cântico novo, o cântico magno que só Deus pode cantar-se; dando glória ao Pai, glória ao Filho e glória ao Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amém. [...]

15-8-1973

SAUDADES CARREGADAS DE ESPERANÇA...

Meus dias vão passando com saudade
em horas de mistérios silenciados,
clamando na minha nostalgia por plenitudes
que repletem as promessas do passado.

Suspiro pelo Céu...;
em ténues melodias o pressinto,
e clamo, atrás das minhas noites, por um vôo
que me mostre no seu esplendor
a luz do Verbo.

Em clamores perdem-se meus lamentos
pelo dia do Amor,
sem a noite feroz de densos véus.

Minha vida é a saudade de uma recordação...;
de uma recordação repleta de promessas
escutadas em romances de mistério:
saudade de Infinito
que anelo no meu interior...!

Mas também, se olho para o passado,
escuto um doce acento clamoroso:
«Teus filhos são meus filhos,
repleto está teu seio
com a fecundidade dos meus celeiros.

Eu sou Pai de almas –clama o Verbo–
que avassalo na minha força o mundo inteiro.

Tu és: Esposa amada, Igreja minha;
repleta estás de filhos
como de estrelas repletos estão os céus,
como os mares repletos estão de gotas
que, qual pérolas, transbordam do seu seio.

Obra de Igreja te fiz nos meus desígnios:
misteriosa missão que envolve
um grande segredo».

Saudade são meus dias...,
saudade de um passado
que oprimo no mistério do silêncio.

Amor de amores, Plenitude das minhas ânsias,
Cativador de dons,
Esposo que fecunda a minha *alma-Igreja*;
meus filhos são as glórias dos meus dias,
que expressam teus louvores;
aquela descendência
que em promessa me brindaste,
e aquele povo potente
que, contigo na cabeça, há de mostrar-te.

Legião de Cristo, furiosa hoste
que luta pelo Reino do Imenso,
avança, não te canses, grita forte!,
que Deus confia nas tuas vitórias,
cumprindo a promessa que em mim pôs.

Valente, filho querido, não descanses,
canta o Verbo!

Valente!, Deus espera dos frutos da tua vida
depois da noite sangrenta do desterro.

Alça a tua voz, «Fruto
das minhas conquistas»;
herói te quero e lutador de amores,
sem cansar-te no teu caminhar para os Céus.

Quero ver-te valente e mensageiro,
e águia real que passa no seu voar
sem manchar as suas asas pelo solo;
te quero Cristo em canções de Verbo,
em sacrifício oculto e silenciado
atrás do sorriso doce do mistério.

Filho querido, fruto das promessas
que o Infinito Amor deu ao meu peito,
coroa da minha vida,
glória dos meus anelos,
descanso dos meus dias,
cumpridor da mensagem
que, em promessa calada e de mistério,
para ajudar a sua Igreja dolorida,
o Amor Infinito,
com o beijo da sua boca, deu ao meu seio.

Filho querido, Deus te espera, eu te espero,
confiando na mensagem que em ti pus.

És a glória das minhas esperanças
na saudade que me leve ao Céu.

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia